

fato

e razão

..agora
coloque
o seu...

Afinador

Dom Helder Câmara

Admiro e quase invejo

não tanto

teu ouvido privilegiado

que capta

cada nota,

e sente em cada uma

o mais leve desajuste

o menor passo em falso...

Admiro e quase invejo

a fineza com que levas

notas dissonantes

a de novo

se harmonizarem...

MEC • Movimento Familiar Cristão

Recado ao leitor

A Equipe de Redação da sua revista veste luto porque Reis nos deixou para ir ao encontro do Senhor, a quem serviu durante toda a sua vida.

Os que ficamos devemos continuar, na esperança do grande reencontro de todas as pessoas queridas que por algum tempo parecerão distantes.

Neste número, caro leitor, voltamos a tratar de alguns dos grandes problemas nacionais, analisando acontecimentos que nos desafiam a cada dia, esperando respostas e ações dos cristãos.

Os eternos temas da vida familiar e eclesial têm sempre lugar reservado nestas páginas. Esperamos que sejam úteis aos nossos amáveis e pacientes leitores.

Como de costume, quase todas as matérias da revista terminam com um pequeno roteiro provocativo para reflexões pessoais, discussões em família, reuniões de grupos e debates com a comunidade ou com pais e alunos em colégios.

Alguns artigos deste número oferecem matérias que nos poderão ajudar a melhor transmitir a nossa fé e valores éticos aos nossos filhos. Outras nos convidam a um esforço em favor de um verdadeiro ecumenismo.

Escreva-nos, caro leitor, transmitindo-nos as suas avaliações, críticas e sugestões, para que a sua revista seja cada vez melhor e mais útil para você, sua família e sua comunidade.

Seus comentários nos fazem falta.

S. & H.A.

32

fato
e razão

Edição
Movimento Familiar Cristão

Conselho Diretor Nacional

Marcio Luz e Valéria Leite
José Newton e Ariadna Ribeiro
Bernardo e Ma. Nazaré Souza
Luiz e Helena dos Santos
Cyro e Mariana Miranda
Marcio e Malvina Fonseca
Jovino e Ruth Ferreira
Mara e Mainá Souza Neto
Armando e Irmgard Grando
Iride T. e Adroaldo Lize
Wanderley Tavares
Cleudison Halare
Isabelle Vasconcellos
Gerson Guimarães
Cleyton Santos
Rafael Hoff

Equipe de Redação

Beatriz Reis
Helio e Selma Amorim

Consultoria

IBRAF
Instituto Brasileiro da Família

Distribuição e Correspondência

Livraria do MFC
Rua Espírito Santo, 1059/1109
Tel. (031) 222-5842
30160-031 Belo Horizonte MG

SUMÁRIO

Reis, 2

Estava sem abrigo e me acolhestes, 4

Papa João Paulo II

Os equívocos do sucesso, 6

Itamar Bonfatti

Piracema ou piração? 9

Rubem Alves

O provisório e o definitivo na Igreja, 12

Helio Amorim

Brincando de matar, 19

A família caminha e nunca é a mesma, 22

Maria Luiza

Diadema, um caso isolado, 26

Os Padres da Igreja e o direito de propriedade, 28

O potencial humanizador da união conjugal, 29

Selma e Helio Amorim

Será? 39

Beatriz Reis

Não há vagas, 46

Jaime Luccas de Moraes

Historinha de cordel, 52

Henfil

Me engana que eu gosto, 54

A reforma agrária: como fazer acontecer, 56

Uma experiência promissora para o campo, 59

Marginalização, um fenômeno universal, 60

D. Helder Câmara

Culto ecumênico, 62

"Causa mortis", 66

Os meninos se matam, 68

Gustavo Corção

Eucaristia, ecumenismo, justiça, 70

João Baptista Herkenhoff

Metodologia participativa? 72

Argumentos é que não faltam, 76

Milton Schwantes

Exploração sexual, uma ferida social, 78

Antonio Mourão Cavalcante

Importância de um mundo sem importância, 80

Paulo Bonfatti

José de Resende Reis

Inácio nos chama por telefone: "Papai faleceu faz uma hora". Numa fase de melhora da já longa enfermidade, não esperávamos esse desenlace. Mas Deus resolveu convocá-lo para viver logo na plenitude, livrando-o de sofrimentos maiores, deixando em sua família, entre seus amigos e no MFC, uma enorme lacuna, difícil de preencher.

Beatriz, mulher forte, continua o plantio fecundo, até então feito a dois. Reis e Beatriz presidiram o MFC Estadual de Minas Gerais (1965-68), o Nacional (1968-70) e o Latino-Americano - SPLA (1970-75). Marcaram profundamente a vida e o pensamento do MFC no Brasil e no Continente.

Na presidência nacional, escreveram os antológicos e proféticos temários **Eis o Homem, O Homem e o Evangelho e O Homem e o Mundo**. Esses temários abriram, para o MFC, uma visão nova do homem e do mundo, numa perspectiva evangélica embebida do espírito do Concílio Vaticano II.

Em 1970, são fundadores do IBRAF, um braço do MFC, para a realização de programas mais apropriados para uma entidade independente, mais profissional e não-confessional.

Nesse ano, assumem o SPLA, para o qual foram eleitos no memorável V ELA, realizado no ano anterior, em Santiago, Chile. Esse foi o Encontro do primeiro grande redirecionamento do MFC continental, apontando para uma nítida abertura aos problemas sociais da região, inspirado em Medellín (1968).

Em 1972, o VI ELA, já agora sob a coordenação de Reis e Beatriz, causa um forte impacto, no MFC e na Igreja. Nele foi cunhada a expressão família incompleta, para levar-nos todos a nos compreendermos como tal e, portanto, impedidos de estabelecer discriminações entre diferentes formas de



imperfeições. Abriam-se as portas do MFC para incorporar, sem discriminar, por exemplo, casais divorciados recasados! As reações de alguns setores da Igreja e do próprio movimento, foram ruidosas. Mas o conceito foi sendo assimilado e, passado pouco tempo, já se usava essa expressão em documentos da CNBB e, mais tarde, em documentos pontifícios. Hoje, a expressão tem uso corrente, e a Igreja acolhe as famílias incompletas com crescente abertura - ainda insuficiente, é verdade.

Reis e Beatriz são autores de uma alentada produção de artigos e ensaios preciosos, todos publicados em **Fato e Razão**. Há mais de 20 anos integram a equipe de redação da nossa revista.

O último artigo de dupla autoria foi publicado no número anterior da revista. Tem o título sugestivo: "Se essa rua fosse minha..."

Agradecemos a Deus por nos ter dado conviver durante mais de três décadas com esse querido amigo, José de Resende Reis, e lhe pedimos multiplicar a força de Beatriz para seguir iluminando, com o seu saber, a caminhada do MFC.

"Estava sem abrigo e me acolhestes"

João Paulo II

A casa é o espaço da comunhão familiar, o lar doméstico onde, do amor vivido entre o marido e a esposa, nascem os filhos e aí aprendem a vida com seus hábitos e os valores morais e espirituais fundamentais que farão deles os cidadãos e os cristãos de amanhã.

É em casa que o idoso e o doente experimentam aquele clima de solidariedade e afeto que ajuda a superar inclusive os dias de sofrimento e do declínio das forças físicas. Mas infelizmente são tantos os que vivem desenraizados desse clima de calor humano e de acolhimento, característico da casa! Penso nos refugiados, nas vítimas das guerras e das catástrofes naturais, e também das famílias desalojadas ou das que não conseguem encontrar uma habitação, da grande multidão dos idosos cujas pensões sociais não lhes permitem conseguir alojamento digno a um preço acessível! São dificuldades que, por sua vez, podem gerar novas, verdadeiras e próprias calamidades, como o alcoolismo, a violência, a prostituição, a droga.

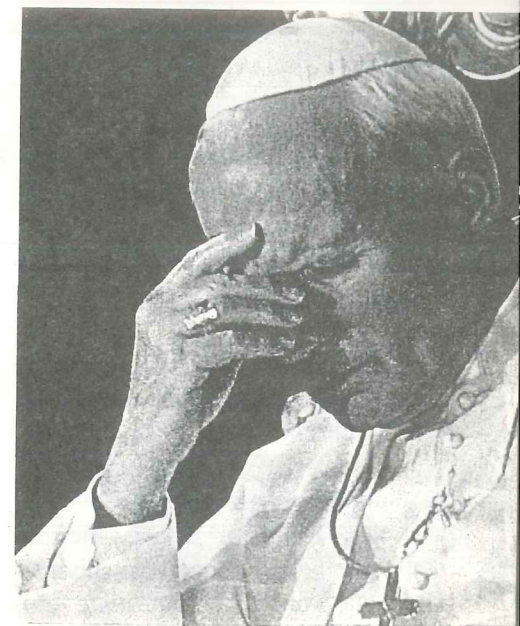
Ao mesmo tempo em que acontecia a Conferência Mundial sobre o

Habitat Humano, que se realizou em Istambul, em 1996, chamei a atenção de todos para esses graves problemas, durante a oração dominical do "Angelus", e sublinhei a urgência dos mesmos, reafirmando que o direito à habitação não deve ser reconhecido apenas ao indivíduo enquanto sujeito, mas à família, composta de várias pessoas. A família, como célula fundamental da sociedade, tem pleno direito a um alojamento adequado como ambiente de vida, para que se torne possível a realização de uma comunhão doméstica autêntica. A Igreja reconhece este direito basilar e sabe que deve cooperar para que tal direito seja efetivamente reconhecido.

Muitas são as passagens bíblicas que põem em evidência o dever de acudir às necessidades de quem está privado da habitação. Já no Antigo testamento, como se vê na Torah, o forasteiro e, de modo geral, quem se encontra sem abrigo, porque exposto aos perigos, merece uma atenção especial por parte do crente. Mais ainda, vemos repetidamente Deus recomendar a hospitalidade e a generosidade para com o forasteiro (cf. Dt 10,18-19; 24,17-18; Num

15,15), invocando para isso a precariedade a que o próprio Israel esteve sujeito. Por fim, Jesus identifica-se com quem está sem casa: "Era forasteiro e me acolhestes" (Mt 25,35), ensinando que a caridade, em favor de quem se encontra em tal necessidade será premiada no céu. Os apóstolos do Senhor recomendam às várias comunidades por eles fundadas, a hospitalidade recíproca como sinal de comunhão e de vida nova em Cristo.

É olhando o amor de Deus que o cristão aprende a socorrer o necessitado, partilhando com ele os próprios bens materiais e espirituais. Esta solicitude não constitui apenas um socorro material para quem está em dificuldade, mas é também uma ocasião de crescimento espiritual para quem o oferece, que daí recebe estímulo para se desprender dos bens terrenos. Com efeito, existe uma dimensão mais alta, que Cristo nos indicou com seu exemplo: "o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (Mt 8,20). Ele queria exprimir toda a sua disponibilidade para com o Pai celeste, cuja vontade pretendia cumprir sem se deixar vincular pela posse dos bens terrenos; há, de fato, o perigo constante de as realidades terrenas ocuparem o lugar de Deus no coração do homem.



O apelo evangélico a acolher Cristo "sem abrigo" e um convite dirigido a cada batizado, para reconhecer a própria realidade e olhar os irmãos com sentimentos de solidariedade concreta, indo ao encontro das suas dificuldades. Mostrando-se abertos e generosos e que os cristãos podem servir, comunitaria e individualmente, Cristo presente no pobre e dar testemunho do amor do Pai. Cristo nos precede nesse caminho. A sua presença dá força e encorajamento: Ele liberta e faz-nos testemunhas do Amor.

(Extraído da mensagem do Papa para a Quaresma de 1997)

@ Como são as moradias das pessoas mais pobres da nossa cidade? Já as visitamos? Conhecemos como vivem?

@ Essas moradias atendem às necessidades básicas para assegurar a saúde e a boa convivência entre os membros da família?

@ O que podemos fazer e exigir que se faça diante de tais problemas?

Os equívocos do ... sucesso

Itamar Bonfatti
Ex-Presidente Nacional do MFC

Teólogo francês, Calvino teve a sua visão de mundo discutida a partir dos conflitos religiosos do século XVI. Tal como a visão judaica diante da prosperidade econômica, ele acreditava que a mesma estivesse ligada à bênção divina. Defendia ainda a *santidade do trabalho* e a *predestinação do Homem*, que, uma vez consciente da missão a ele confiada por Deus, neste mundo, deveria dar o melhor de si mesmo para executá-la.

Apropriada, mais tarde, pelo capitalismo nascente, as idéias calvinistas vão sendo luvas perfeitas para os interesses econômicos de momentos históricos posteriores. Sendo o Homem predestinado ao nascer, este modo de ler esse mesmo Homem, na História, acaba caindo na obsessão da auto-superação constante e ansiosa. Depois seguem-se os exageros de se caminhar rumo à superação das próprias marcas e limites. Surgem, como via de consequência, as quase paranóicas idéias de perfeccionismo e da eficiência a qualquer custo, que acabam transformando este processo num fim em si mesmo! Dentro deste calvinismo já desbotado pelos caminhos do

tempo e pela ganância, surge a *competição* a qualquer preço que, facilmente - considerando o canibalismo que a cerca - acaba tendo o mesmo fim obsessivo do perfeccionismo e da eficiência obstinada.

Fácil, fácil se chega à competição sem escrúpulos e sem ética. Justifica-se tudo desde que o objetivo final seja o *poder* e o *lucro*, fato que se encarrega do desbotamento completo da proposta inicial calvinista. Realimenta-se, assim, o que na predestinação foi transmutado em ganância e competição a qualquer custo. Com isto, o capitalismo já não passa de um simples detalhe e a predestinação proposta por Calvino não é mais considerada. Caminha-se agora em direção ao perigoso terreno do "salve-se quem puder" econômico. Respondem-se desafios e compete-se, não importando o custo! Alvo final: *lucro* e *poder*, com passagem obrigatória pelo *sucesso* - aliás modo sutil e eficaz de dourar a pílula. O ser "bem-sucedido" empresta uma felicidade aparente. De uma hora para outra o bairro onde se vive, o tipo de residência, a decoração da sala, o carro que a pessoa dirige, o cigarro

ou a bebida que se consome, a etiqueta das roupas, passam a fazer parte do sistema classificatório das pessoas... *bem-sucedidas* ou *mal-sucedidas*. A realização pessoal nesta escala de valores não é um dado importante porque se trata aqui de se privilegiar e valorar o enfoque um tanto distorcido do "estar-bem", fórmula perversa e enganosa mas muito envolvente e quase convincente. As indefectíveis colunas sociais passam a ser o boletim diário dos *bem-sucedidos*, retratando sempre um sorriso das pessoas, geralmente pre-fabricado e endereçado a ... coisa nenhuma! Afinal é importante passar-se a imagem do "estar-bem".

Bem próximo do "sucesso-de-qualquer-jeito", aparece um outro componente: o consumismo, também enganosamente gratificante que sorrateiro gosta de penetrar na penumbra familiar... para não ser encarado de frente. Nesta ciranda, não poucas vezes amoral - uma vez que nela o Homem nem sempre é levado em consideração - o *individual* é privilegiado em detrimento do *comunitário*. Assim, os penduricalhos da aura do sucesso, do *status* pre-fabricado e o prestígio da aparência enganosa engrossam a imensa listagem de baboseiras. Surgem motivações às vezes grosseiras e conseguidas sabe-se lá como. Estão aí, muito perto de nós, as competições embutidas no processo do "top-ten", essa mania norte-americana (neo-calvinismo?) de colocar pessoas e coisas no "dez-



Um dos símbolos enganosos de status e sucesso social é se ver no foco dos equipamentos de fotógrafos e cinegrafistas a serviço dos noticiários dos grandes jornais e redes de televisão ou de ávidos colunistas sociais.

mais-isto" ou "dez-mais aquilo". Ou o método muito utilizado atualmente de se promoverem entidades ou pessoas classificando-as em... "rankings"! Nesta ideologia, a competência e a seriedade geralmente cedem lugar ao... fazer sucesso. Mesmo que seja estafante ou... enfartante! Quem afere o valor do modo de ser e viver pelos critérios evangélicos terá de resistir à imagem do sucesso, porque ela invade nossa casa através dos meios de comunicação, colégios e universidades. Estes modelos de promoção, mesmo fortuitos, poderão se colocar no lugar da realização pessoal verdadeira. Daí se torna importante privilegiar na família a

realização profissional como fator essencial ao crescimento.

Importante também refletir-se dentro da família sobre o grande espaço existente entre *conquistacaminhada-competência* e a pobreza simplória, o êxito fugaz da... *badalação-do-sucesso*. Mais ainda: ajudá-las na descoberta dos dons de cada membro da comunidade familiar para que não se envolvam em profissões que lhes darão apenas o sucesso do *status*. Afinal, os filhos terão que ser preparados para a não-conformação com as coisas do mundo para que se sintam comprometidos com a sua transformação (cfr. Rm 12,2). Isto faz parte da promoção das pessoas de

O “bem-sucedido”
aparenta com o seu
permanente sorriso pre-
fabricado uma felicidade
que nem sempre é real.

uma comunidade familiar que é vocacionada para a plena realização pessoal dos seus integrantes. Com essa consciência evitaremos perseguir o sucesso que, visto apenas como um fim em si mesmo, forçosamente nos levará àquela situação semelhante à de alguém que, artificialmente risonho e festivo, parece insistir em soltar fogos de artifício em plena manhã ensolarada de verão!

@ Como repercute em nossa família a valorização do sucesso social, da riqueza e do consumo que os meios de comunicação propagam? As novelas de TV passam mensagens desse tipo?

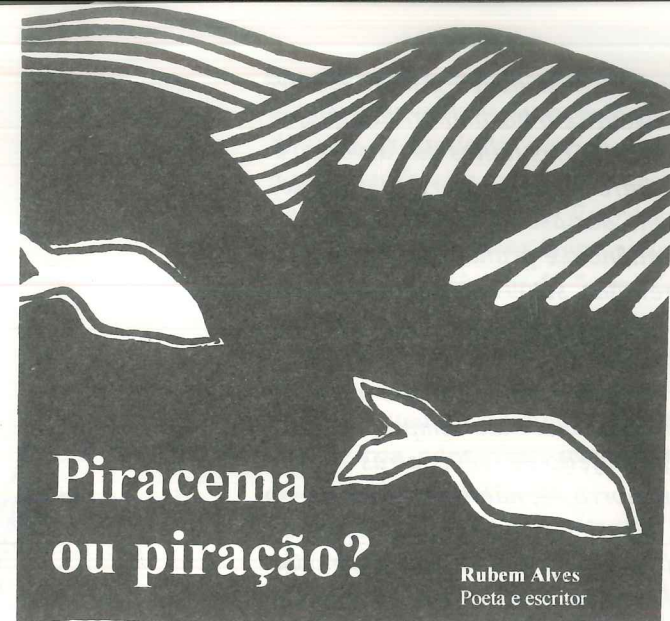
@ Como essa propaganda influi nas relações entre pais e filhos? Na escolha de profissões? Nas aspirações de consumo?

@ Há possibilidades de valorização da vida simples, da austeridade em nossa sociedade? Valorizamos essa simplicidade?

@ Como julgar esse modelo de sociedade na perspectiva evangélica? Que postura se espera dos cristãos diante dessa indução à busca de sucesso social e ao consumo desenfreado?



Com a palavra os humoristas. Diante dos escândalos sobre corrupção e negociações com lobistas no Congresso dos Estados Unidos, um dos mais lidos humoristas norte-americanos protestou: “Não se queixem. Afinal, temos o melhor Congresso que o dinheiro pode comprar!”



E me veio uma idéia de que eu gostei...

A marca de que a gente gostou da idéia é um discreto sorriso no canto dos lábios, sorriso que não é dirigido a ninguém, gratuito, sem nenhuma intenção, alegria pura, revelação de que a gente estava brincando sem que ninguém percebesse. E isso pode acontecer em qualquer lugar, na cozinha, no ônibus, na privada, bem no meio do sermão do padre, bem no meio da reunião do partido, bem na frente do chato que não pára de falar... Isso é que é bom sobre as idéias — elas são brinquedos que carregamos no bolso e, sem que os outros percebam, começam a brincar com a gente...

Pois uma idéia feliz me aconteceu. Pensei que o corpo se parece com um rio. Como o rio, ele nasce em lugares altos e inacessíveis, são poucos os que têm a felicidade de ver o lugar onde ele sai de entre as pernas abertas da terra. Nasce como um fiozinho de água, em meio a pedras cobertas de limo, samambaias, avencas e orquídeas. Ali o silêncio é

grande. Porque o silêncio é grande se ouve muito — ouvem-se o borbulhar da água, o barulho do vento nas folhas das árvores, o pio dos pássaros e, se prestarmos atenção, até o barulho das asas das borboletas. Quando o silêncio é grande mesmo, nas noites estreladas, se ouvem o pulsar luminoso do brilho das estrelas e o pulsar milagroso do sangue correndo nas veias.

Aí eles vão correndo, o sangue nas veias e o rio na terra, descendo sempre, de queda em queda, sem jeito de voltar atrás — rios não sobem morro —, não há cachoeiras ao contrário, o tempo corre numa direção só... E o rio vai se alargando, dizendo adeus ao mistério das montanhas, chega às planícies, engorda como os homens que moram às suas margens, desaprende as brincadeiras de menino, fica vagaroso, arrasta-se pesado, os homens entram nele com seus barcos e esgotos, ele suporta tudo sem reclamar, nem sei se guarda memórias da infância... Deve guardar, pois os rios também pensam. Se você não sabia, fique sabendo que “as nuvens são do rio/ seus calmos pensamentos/ que um dia serão rio/ e levarão o suor dos homens/ entre claras cantigas/ e mãos frescas/ aí: limpas de lavarem...” — pois assim o disse o poeta Heládio Brito. É, os rios devem ter saudades, e por não poder voltar ao lugar da infância e por não poder suportar a saudade, lançam-se no mar, suicidam-se, na esperança de se transformar em nuvem e renascer rio mesmo, no alto da montanha...

Mas aí olhei e vi um movimento prateado que encrespava a pele lisa do rio, no sentido contrário. T. S. Eliot disse que “num país de fugitivos os que caminham na direção contrária parecem estar fugindo...”. Eram os peixes, centenas, milhares: nadavam na direção contrária.



Martha Braga

De que estariam fugindo? Não, não estavam fugindo. Apenas nadavam na direção da saudade, em busca dos lugares das águas frias e cristalinas onde haviam nascido e cuja memória ficará guardada em algum lugar. Esse lugar onde mora a saudade, eu o chamo de “alma”. Pois de repente a “alma” acordou, e um movimento diferente se apossou do rio onde ela morava, e nas corredeiras se podem ver os peixes prateados saltando, formando cachoeiras, para cima, piracema... Para a saudade tudo é possível.

Fiquei feliz com essas imagens porque elas representam o que sinto. De um lado, sou o rio que vai indo pela planície, sem retorno, para o mar. Do outro sou piracema, peixes rio acima em busca da infância...

Jesus disse coisa parecida a um sabido chamado Nicodemos. Disse que era preciso nascer de novo. Nicodemos quis fazer troça e perguntou como se faz para entrar de novo na barriga da mãe. Jesus desconversou, aplicou-lhe um koan zen, dizendo que ele tratasse de aprender a ouvir a voz do vento.

Eu, que não tenho tanta sutileza, responderia mais direto: convidaria Nicodemos para brincar. Os adultos, especialistas no assunto, dizem que o brinquedo é uma atividade pela qual as crianças se preparam para a vida. Discordo. Brinquedo não é preparo para viver. Brinquedo é viver. Fomos criados para brincar. São os adultos, coitados, que passam a vida tentando imitar, com seu trabalho, aquilo que as crianças fazem com o seu brinquedo.

E assim vou indo, o corpo trabalhando, na direção do mar, a alma brincando, na direção das nascentes...

O provisório e o definitivo na vida da Igreja

Helio Amorim

O papa João Paulo II pediu perdão, em nome da Igreja, dos papas e dos cristãos, em 94 ocasiões, discursos ou documentos - contabilizou o jornalista Luigi Accatoli. João Paulo II pediu perdão, entre outras razões, pelas Cruzadas, a Inquisição, o julgamento de Galileu, as injustiças contra as mulheres, os negros e os indígenas escravizados, as ditaduras e as guerras de que participaram católicos. Também convidou muçulmanos a um recíproco perdão. Mais recentemente, admitiu a validade das teorias da evolução, desenvolvidas por Darwin e seus sucessores, ressaltando apenas que a alma humana é um dom de Deus.

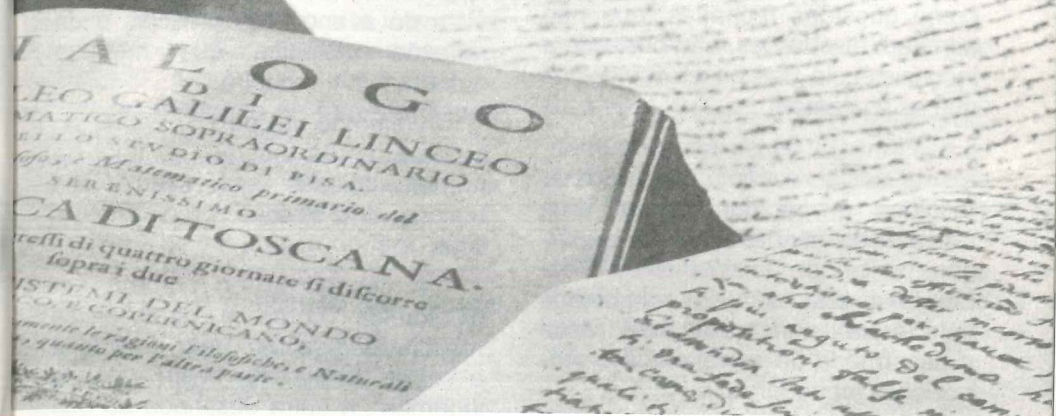
Esses pedidos de perdão têm um alcance e significado nem sempre avaliados em profundidade. Talvez por temor de uma relativização generalizada de doutrinas, normas, disciplinas e orientações eclesiais, hoje rigidamente impostas e amanhã objetos de pedidos de desculpas e perdão da Igreja.

Entretanto, receios à parte, é isso mesmo. A Igreja, constituída por pessoas humanas, sempre limitadas, nem sempre abertas à luz do Espírito, se equivoca com infeliz frequência. Com a ajuda das ciên-

cias humanas e da pesquisa teológica, vai revendo e reformulando velhas concepções e interpretações da vontade de Deus, purificando suas doutrinas, reformulando seus ensinamentos, modificando suas práticas, revogando proibições e punições - e pedindo perdão. Em suma, submetendo-se à inspiração divina sempre presente mas à qual tantas vezes terá se fechado, ao longo dos tempos.

Essa constatação deveria induzir a mais humildade nos formuladores daquelas doutrinas e normas canônicas ou pastorais, e maior abertura à novidade que surge dos estudos dos teólogos e às interpelações dos cristãos leigos adultos que as questionam. É desses confrontos fraternos e construtivos que lentamente emerge a verdade, purifica-se a doutrina, humaniza-se a Igreja.

Bem diferente segue sendo a postura, tantas vezes autoritária e truculenta, da Congregação que deu novo nome ao Santo Ofício mas mantém a essência dos procedimentos da Inquisição. A excomunhão recente do sacerdote e teólogo Tissa Balasuriya, do Sri Lanka, Ásia, profundo conhecedor da cultura e religiões do oriente, confirma esse estilo punitivo feroz,



Galileu tornou-se um símbolo dos enfrentamentos entre ciência e religião, somente superados neste século, depois da compreensão de que a Bíblia é um livro catequético que nos permite conhecer Deus e seu projeto, não um livro histórico, no sentido preciso deste termo, menos ainda um livro científico

que veda ao réu o direito de defesa.

O que ousou afirmar o teólogo em seu livro "Maria e a Libertação Humana", editado em 1990? Inserido no contexto asiático, afirma que os que não conhecem Jesus podem se salvar mediante sua crença em Buda ou Krishna, que são, também, por vontade de Deus, além do Cristo, mediações possíveis para a salvação daqueles que não o conhecem. Também traz novas luzes para o entendimento da virgindade de Maria, que não nega, questionando a forma com que a questão é colocada na reflexão da Igreja. E defende a mais do que defensável ordenação sacerdotal de mulheres, um tabu para a estrutura masculina e celibatária da estrutura

eclesial, sempre temerosa da doçura e ternura que o feminino poderia introduzir no seio da hierarquia e do governo da Igreja.

Talvez tenha sido este último ponto o que desencadeou a reação da autoridade ratzingeriana e levou à excomunhão. Só a reação de teólogos do mundo inteiro a essa condenação leva agora o Santo Ofício a abrir a possibilidade de o já excomungado teólogo ser ouvido e defender suas teses.

Essa mesma postura represora se abate sobre teólogos e leigos que contestam outras questões mal resolvidas na vida da Igreja. O celibato forçado dos sacerdotes, o casamento religioso, a

participação na Eucaristia e o reconhecimento da possível sacramentalidade da união de divorciados que voltam a se casar, a proibição do uso de contraceptivos que não aqueles equivocadamente chamados de *métodos naturais* e outras orientações ou normas canônicas e pastorais continuam sendo tratadas como questões fechadas, que não admitem discussões, não obstante a inconsistência das bases teológicas que as sustentam.

Frente a esses questionamentos, a única reação da autoridade religiosa, em qualquer nível, é a ameaça de condenação, os expurgos, proibições de ensinar ou mesmo falar em espaços controlados pela Igreja - nunca a análise franca e desarmada de argumentos e proposições inovadoras.

Parece-nos interessante recordar, entretanto, o muito que tem mudado nas doutrinas e práticas da Igreja, não apenas através dos séculos, mas nos tempos de uma vida. Os mais idosos vão se recordar do que lhes era ensinado em sua adolescência e juventude, nos excelentes colégios católicos que frequentaram.

Assim, permaneceremos abertos ao muito que seguirá mudando nos próximos anos e décadas, permitindo-nos relativizar as "certezas" que hoje se impõem. É claro que tudo o que se refere ao amor e à justiça, à humanização e à esperança cristã, à caridade e à solidariedade humana, permanecerá como essência da mensagem evangélica. O resto é dinâmico e evolutivo, criações humanas sob influxo da cultura, entendimentos provisórios, sujeitos a revisões em

Muitas mudanças ocorreram, ao longo de dois milênios e continuarão ocorrendo nas doutrinas, práticas e disciplinas da Igreja

vista do avanço das ciências e da reflexão teológica que nenhum autoritarismo impedirá.

Voltemos um pouco, então, ao passado ainda recente, ao final da primeira metade deste século, aos bancos das nossas escolas católicas.

A concepção do homem era dicotômica: corpo e alma, duas realidades distintas, uma destinada a sofrer "desterrada neste vale de lágrimas", a outra destinada ao céu ou inferno, com provável passagem purificadora pelo purgatório, no primeiro caso.

O corpo era um risco para a salvação, por estar fortemente sujeito às tentações do demônio, sempre presente e próximo de cada incauto, pronto a levá-lo à perdição.

A forma de se proteger da ação permanente do demônio eram as mortificações e sacrifícios auto-impostos, a oração e leituras piedosas mas, especialmente, as práticas religiosas que ofereciam o passeporte garantido para o céu. A mais difundida era comungar em nove consecutivas primeiras sextas-feiras do mês. Segundo constava, por uma revelação de Jesus em aparição a um dos santos da Igreja, essas nove comunhões assegurariam definitivamente a salvação. Secretamente se alimentava a ex-

pectativa de liberdade total depois dessa conquista... mas, cuidado: morrer antes da nona comunhão poderia pôr tudo a perder.

Acontece que essa salvação assim espertamente assegurada, não nos livraria de pagar a conta pelas bobagens cometidas durante a vida. Uma passagem purificadora pelo purgatório era quase inevitável, a menos que morrêssemos "em estado de graça", absolvidos no último momento de todas as culpas, pela confissão feita a um sacerdote.

Como essa possibilidade era precária, e considerando que a permanência no purgatório era determinada em dias, anos ou séculos, conforme a gravidade das nossas artes, éramos orientados a acumular créditos em tempos, durante a vida. Chamavam-se indulgências. Nos livros de orações, cada uma terminava com a indicação correspondente dos créditos gerados cada vez que fosse recitada: *300 dias de indulgência*, por exemplo. Algumas dessas orações eram apenas uma curta frase e chamadas jaculatórias, para facilitar-nos decorar e repeti-las maquinalmente dezenas ou centenas de vezes ao dia.

Para a contabilidade, o colégio distribuíra, no início de cada mês, uma pequena agenda impressa em que devíamos anotar quantos dias de indulgências se conquistavam cada dia, com espaço para a totalização no fim do mês. Algumas orações, como uma de Santo Tomás de Aquino, asseguravam indulgência plenária, se rezadas imediatamente depois da comunhão. Desequilibrava a contabilidade e confundia as anotações porque apagava todas as pena-

Posturas autoritárias e repressoras devem ser substituídas na Igreja por confrontos mais fraternos em torno de temas polêmicos

lidades de purgatório até aquele momento...

Todas essas indulgências eram gratuitas, ao contrário de práticas do passado em que a história registra a sua venda habitual a personalidades pouco merecedoras, interessadas em comprar o céu a preços módicos (uma das razões alegadas por Lutero para romper com a Igreja há cinco séculos).

Por outro lado, os cristãos, mesmo adultos, estavam proibidos de ler uma imensa lista de livros que poderiam colocar em risco a sua fé. Era pecado grave desrespeitar o *Index* dos livros proibidos. Lá estavam, por exemplo, os de Darwin e dos seus seguidores, que elaboravam a teoria da evolução das espécies, derrubando a crença equivocada de que o relato bíblico da Criação fosse uma crônica histórica, já arranhada pelas descobertas de Copérnico e Galileu - todos eles cientistas a quem hoje a Igreja pede perdão.

Ainda sobre os requisitos para a entrada no céu, aprendemos que sem o batismo seria impossível. Para resolver o problema dos justos que nunca ouviram falar de Jesus, em terras distantes, ou dos recém-nascidos que morriam antes do batismo, teólogos criativos inventaram uma estação intermediária,

chamada limbo, onde suas almas ficariam esperando o final dos tempos, quando anjos viriam batizá-los, para permitir-lhes o ingresso. O limbo, portanto, era também verdade incontestável e matéria de provas de religião.

No colégio, em níveis mais avançados, aprendíamos a calcular a data aproximada da criação do mundo e de Adão e Eva, um exercício matemático que também resultava em questão de prova: Deus havia criado o mundo em sete dias, cerca de 4 mil anos antes de Cristo. Antes disso, nada existia, senão Deus e os seus anjos.

Outra questão interessante: as mulheres, nos tempos da nossa juventude, não podiam entrar nos limites sagrados do altar definidos pela balaustrada que, em nossas Igrejas, separava o sacerdote dos fiéis e era utilizada como "mesa da comunhão". Por isso, sacristãos e coroinhas só podiam ser homens ou meninos. Até mesmo para a limpeza daquele espaço.

Para comungar, as mulheres deveriam cobrir a cabeça com um véu, para simbolizar a sua condição de submissão. Os homens, ao contrário comungavam de cabeça descoberta. Tampouco as mulheres podiam entrar na Igreja com "roupas masculinas"... quando passaram a usar calças compridas. Todas essas disciplinas sobre costumes eram absolutamente rígidas.

O sacerdote celebrava a missa em latim, de costas para o povo, e a comunhão era obrigatoriamente precedida pela passagem pelo confessorário e com o rigoroso jejum a partir da meia-noite anterior. A hóstia só podia ser tocada pelos

Doutrinas fechadas, orientações surdas às vozes do Povo de Deus nem sempre são verdadeiramente evangélicas

dois dedos consagrados (polegar e indicador direitos) do sacerdote.

Passados menos de 50 anos, a Igreja ensina que a Bíblia não é um livro histórico-científico, mas um compêndio de ensinamentos, elaborado ao longo de dois mil anos, fortemente influenciado pelas culturas dos povos e das épocas em que viveram seus muitos autores, e que nos ajuda a compreender o plano de Deus para o Homem e o Mundo. Os relatos nela contidos são às vezes acontecimentos históricos, mas muitas vezes textos catequéticos em linguagem simbólica, para que os homens possam crescer na fé e no conhecimento da vontade e do amor de Deus. O relato da Criação, em que o mundo é criado em sete dias, e Deus viu que tudo o que foi criado é bom, muito bom, ou o outro, mais antigo, em que Adão e Eva são personagens simbólicos representando a humanidade criada, foram escritos para apresentar o projeto de Deus do qual a humanidade se afastou. E que, portanto, as teorias da evolução não contradizem a nossa fé.

O famoso Index dos livros proibidos desapareceu, e as teorias de Darwin, já agora muito desenvolvidas, são ensinadas nas escolas católicas.

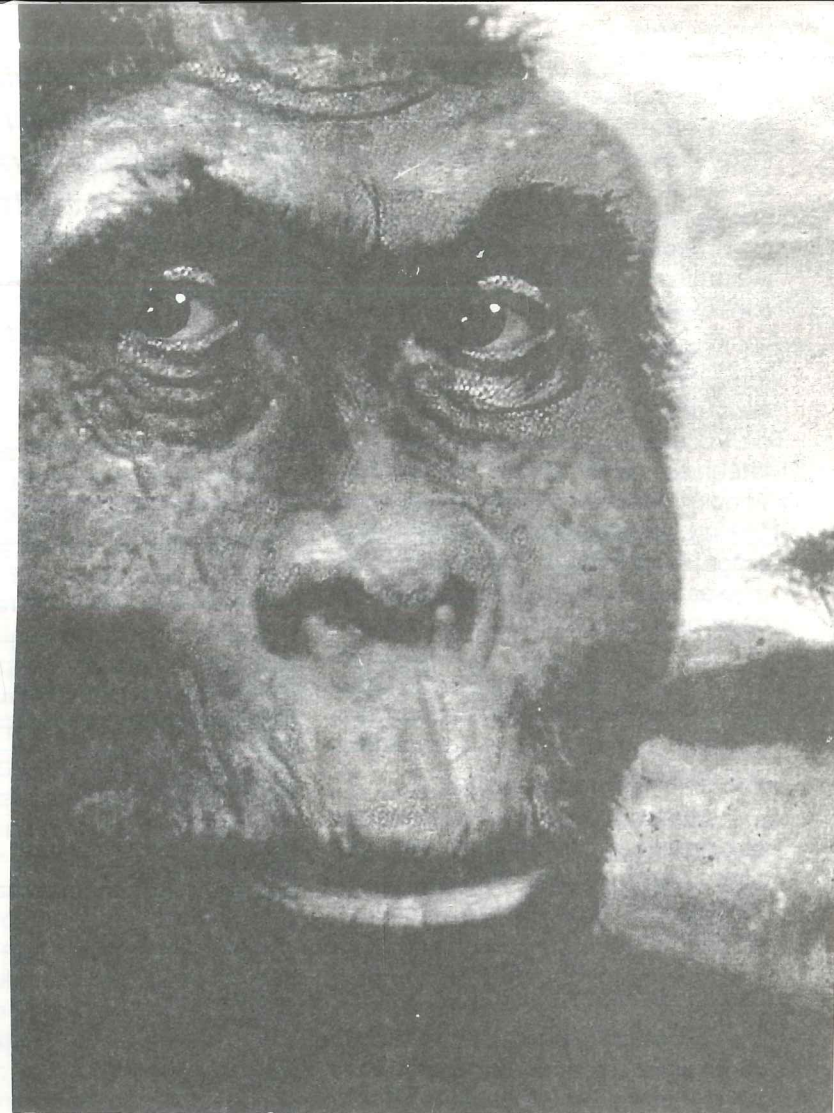
A separação entre o corpo e a alma, como duas realidades dis-

As teorias da evolução de Darwin e seus seguidores provocaram fortes reações da Igreja, até chegar-se, neste século, à compreensão de que não se opõem à fé cristã na criação do Homem e do mundo.

tintas e superpostas, herança do neoplatonismo, já não é a base da doutrina católica. A história humana é valorizada, não é tempo de degredo ou exílio, e o mundo não deve ser um vale de lágrimas. O cristão é desafiado a empenhar-se na construção de um mundo justo e fraterno, para que se faça a vontade de Deus, aqui na terra, como já prometido para o céu.

Foi arquivada a estranha contabilidade das indulgências com que se aliviaria o tempo de estadia no purgatório, uma espécie de inferno temporário para purgação dos pecados, de que hoje quase não se fala.

Tampouco se passa a idéia de que os justos que não conheceram o Deus dos cristãos estejam impedidos de salvar-se e encontrá-



lo, para a vida e a felicidade eterna. Já não se ousa afirmar que "fora da Igreja não há salvação". Por isso é incompreensível a investida recente do Santo Ofício contra o teólogo que apresenta a mediação de Buda ou Krishna como caminhos para o encontro de multidões de asiáticos com Deus.

Quanto às mulheres, hoje, transitam livremente pelos recintos sagrados dos altares, são ministras da Eucaristia, presidem celebrações litúrgicas onde faltam sacerdotes, véus simbólicos foram abolidos. A hóstia consagrada é tocada por mãos femininas e masculinas, as missas são celebradas na língua de cada país, o celebrante se apresenta de frente para o povo. A participação na Eucaristia não mais se subordina ao jejum e ao confessional, valorizando a consciência dos cristãos.

Muitas "verdades" e normas tão rígidas e "definitivas" do passado, como se vê, não eram tão verdadeiras e imutáveis como se apresentavam. Muitas outras do presente também certamente não o são. Assim devem ser entendidas.

Será preciso um aprendizado sério para discernir entre verdades permanentes ou definitivas e "verdades" provisórias, questionáveis sob a ótica da humanização. Se uma doutrina, norma ou orientação

@ *Quais as mudanças nas práticas, doutrinas e orientações pastorais e disciplinares da Igreja costumam ser mais requeridas? Exemplos.*

@ *Percebemos algum conflito interno na vida da Igreja sobre orientações pastorais e doutrinárias? O que poderia mudar?*



"Nada é permanente exceto a mudança" (Heráclito, 450 a.C.).

Muitos relatos bíblicos utilizam mitos e ricos simbolismos para transmitir a vontade de Deus, de forma compreensível para os povos de todos os tempos

pastoral aponta para a humanização, em determinada cultura ou circunstância social e histórica, é verdadeira e convergente com o projeto de Deus. Se desumaniza, ainda que em outra época ou cultura talvez humanizasse, torna-se em obstáculo ao projeto humanizador de Deus. Deve ser modificada, purificada ou revogada.

Prender-se a doutrinas fechadas e rígidas, normas absolutas e orientações autoritárias surdas aos clamores do Povo de Deus, é uma postura anti-evangélica a que não se devem curvar os bons teólogos e os demais cristãos que receberam o dom de uma fé adulta. Para a credibilidade da Igreja e a pureza da fé, tantas vezes postas em risco, não tanto pelos que questionam e incomodam mas, bem mais, pelos que defendem um integrismo prepotente e punitivo de que um dia terão que pedir perdão.

Brincando de matar

Um homem é queimado vivo. Um índio, conselheiro de sua tribo, visitando a capital para resolver problemas do seu povo, na semana em que se celebra o Dia do Índio. Os assassinos são jovens de menos de 20 anos, de classe média, com estudos, bons colégios, um deles universitário, outro vestibulando, morando com as famílias em super-quadras residenciais de Brasília. O caçula tem 17 anos.

A polícia age rápido e os cinco criminosos sádicos são presos poucas horas depois. Comoção nacional e repercussão internacional. O Presidente, de saída para o Canadá, é alertado sobre mais um borrão na sua imagem de estadista lá fora. Perplexidade geral. O episódio não se encaixa nos nossos discursos e paradigmas. Estamos habituados à escalada de adolescentes pobres: da contravenção ao tráfico e ao crime a partir da vida miserável na favela, da fome, da falta de escola e de esperança, da tentação do dinheiro fácil da droga, do envolvimento final com o crime organizado. Então vemos o bandido como produto da pobreza, da injusta repartição de bens e oportunidades, marca registrada do modelo econômico que toma conta do mundo.

De repente, acontece o incêndio horrível. O crime hediondo por pura diversão. Premeditado desde a compra do álcool e da escolha da vítima anônima - dormindo de madrugada num ponto de ônibus. Entretanto, os criminosos presos não se encaixam nos nossos parâmetros. Por que? - se perguntam milhões de cidadãos horrorizados. Protestos gerais exigem penas exemplares e rápidas.

Mas, passadas poucas horas, os advogados já estão em campo. Tratarão de livrar seus clientes o mais cedo possível dos constrangimentos da prisão. A tese da defesa já está anunciada: os garotos estavam apenas se divertindo, não tinham intenção de ferir ou matar, apenas queriam dar um susto num mendigo. "O azar, diz o advogado, é que o índio estava dormindo muito profundamente e talvez estivesse bêbado". Em suma, não entendeu a brincadeira e se deixou morrer. Outros advogados explicam que é mais ou menos assim: ninguém será penalizado pelo que fez mas pelo que tinha intenção de fazer. Como os garotos serão instruídos para afirmar com a maior veemência que não estavam a fim de matar mas apenas de brincar, logo os teremos brincando de novo nas nossas ruas.

O contrário acontece com os pobres que saem da linha. Mesmo numa simples detenção por vadiagem, o lascado vai amargar algumas noites numa superlotada cela de delegacia, e apanha se pronunciar a palavra advogado. As penitenciárias

Por uma simples detenção por "vadiagem" qualquer desempregado pode amargar algumas noites numa cela superlotada de delegacia...

estão cheias de condenados que já cumpriram a pena mas não têm advogado para movimentar o processo e devolver-lhes a liberdade.

Por isso, as prisões estão cheias de pobres. O Luiz Fernando Veríssimo tem uma dúvida a respeito do péssimo estado em que se encontram as nossas penitenciárias: ele não sabe se os ricos não vão para a prisão por causa da baixa qualidade dos serviços que oferecem, ou se as prisões são de péssima qualidade porque os ricos não as frequentam...

Com certeza seriam melhores se para lá tivessem ido os anões do Orçamento, os banqueiros que quebraram fraudulentamente, a gang das financeiras dos títulos públicos do caso dos precatórios, o moço que se mudou para Miami, o outro que ainda estaria vivo se continuasse preso e calado, e tantos outros de quem não mais se fala. Vamos ver o que acontecerá com os rapazes de Brasília.

Mas o mistério continuará insondável: o que estará acontecendo nesta sociedade cada vez mais estranha e violenta? Lemos que há outras 20 ou 30 gangs atuantes de jovens de classe média em Brasília. Outras cidades brasileiras têm números mais

assustadores. Nos Estados Unidos, modelo de sociedade capitalista liberal para o mundo, o Departamento de Justiça, em apenas 110 jurisdições pesquisadas, encontrou 4.881 gangs oficialmente catalogadas, que congregam 249.324 jovens delinquentes, responsáveis por 46.359 crimes anuais, sendo 1.072 homicídios.

Há algo errado na base de tudo isto. Uma falha de modelo de sociedade, de educação, de vida familiar, de relações sociais, de relações com a natureza, uma ruptura social coletiva com a intenção de Deus ao criar este belo mundo, e fazer-nos todos, e não alguns privilegiados, à sua imagem e semelhança. Um desvio produzido pelos homens, ao longo da

... enquanto banqueiros que quebraram fraudulentamente e golpistas financeiros dos precatórios contratam os mais caros advogados e vivem livres e felizes.

história, e que chamamos de pecado original, por estar na origem de todos os males: a ruptura com o projeto humanizador do Criador, fundado na justiça e no amor. A adesão a esse projeto e a luta por sua concretização ainda que imperfeita na história humana é o que define o ser cristão no mundo de hoje e de sempre.

@ Muitos jovens formam "gangs" que agredem e matam, picham paredes e monumentos das cidades, enveredam pelo mundo das drogas, Parecem perdidos, sem rumo: o que está acontecendo? Como analisamos e sentimos essa realidade?

@ Costumamos ouvir que vivemos num modelo de sociedade competitiva, mercantilista (tudo é objeto de troca), consumista: esse modelo, se verdadeiro, pode exercer influências negativas sobre os jovens? Por que sim ou por que não? Exemplos.

@ Os meios de comunicação, especialmente a televisão, tem algo que ver com esse problema da violência juvenil? Por que sim ou por que não? Exemplos que confirmam cada opinião.

@ O aumento da prostituição infantil, de adolescentes e jovens - tem alguma relação com aqueles problemas?

@ O que podemos fazer frente a esses graves problemas sociais?

Prisão para quem porta arma de fogo fora de casa. A nova lei manda prender por um a dois anos quem for pego com arma fora de casa ou da empresa de que for titular ou responsável. Mesmo em casa ou em sua empresa, só com porte legal de arma, concedido pelo novo órgão criado pela lei, e agora mais difícil de conseguir. Quem tem arma terá que registrá-la dentro de seis meses. Antes da nova lei, ser flagrado com uma arma no bolso dava apenas multa e apreensão da arma, sem processo ou prisão.

A família caminha e nunca é a mesma

Maria Luiza
Psicóloga

A história da família e a família dentro da história da humanidade, eis os dois caminhos que podemos tomar ao voltarmos nossos olhos para a instituição chamada família.

Se a nós interessasse fazer um estudo sobre como a família começou a existir, como eram as suas relações nos primórdios de sua existência, como viviam as pessoas numa família da Idade Média, como são as relações da família em nossa atualidade, estaríamos fazendo um estudo da história da família no curso da sua existência. Poderíamos fazer um tratado como tantos que já existem com este tema e chegaríamos à conclusão de que a família está sempre mudando ao longo de sua história. Essa mudança ocorre porque outros fatores que influenciam a vida de uma família estão em constante mudança. Os fatores que influenciam essa mudança são os sociais, os econômicos, os avanços tecnológicos, os avanços das ciências e de outros aspectos que direta e indiretamente atingem a vida do homem. Não nos deteremos, porém, em fazer um estudo sobre estes aspectos. Vamos nos deter a "olhar" a família ao longo de sua própria existência, dentro do nosso hoje, e veremos que ela

está, também, em constante alteração.

A família começa quando o jovem adulto, solteiro, precisa sair de casa para formar com uma jovem, solteira, uma nova família. Ligados por interesses comuns, por afinidades e por um grande amor, buscam casar-se, unindo seus ideais de vida em comum na busca da felicidade. Isso resulta do processo de crescimento por que estes jovens passaram dentro das famílias de origem, em que atingiram um estágio de diferenciação e crescimento tal que lhes possibilitou a escolha do cônjuge, dos amigos, da profissão e dos seus projetos de vida pessoal e a dois.

Nessa fase, a família de origem deverá possibilitar ao jovem condições para que ele possa desenvolver-se com independência. É uma tarefa difícil para os pais, que veem seus filhos crescidos saírem de casa, deixando-os de novo "sós". Muitos psicólogos denominam esta fase como a fase do "ninho vazio". Alguns pais tentam reter os filhos por mais tempo, o que é prejudicial para o próprio desenvolvimento da família. Como diz o provérbio: quem tem asas deve voar. Um dos objetivos da família é exatamente o de possibilitar aos filhos as condições

A família não é a mesma depois que chegam os filhos, quando os pais passam a ter que dividir com eles o seu tempo antes exclusivo das relações do casal e das tarefas profissionais.

necessárias para que eles possam, um dia, viver com autonomia.

Com a formação da nova família, duas famílias se unem, as famílias de origem de cada um dos cônjuges, formando uma rede de crenças, mitos, segredos, características e tradições. Aí começam a aparecer as diferenças que, se bem administradas, podem fazer com que todos cresçam. Porém, se

tratadas como causa de discórdia, trarão grandes sofrimentos a todos da família.

Continuemos analisando a marcha da família. A chegada dos filhos à jovem família provoca, ao mesmo tempo, uma grande alegria e uma grande desorganização. O ritmo que até então vinha sendo mantido pelo jovem casal, não mais se adapta à situação em que



vivem. São muitas as exigências dos bebês. Neste momento, a família se volta toda para satisfazer as necessidades físicas e psicológicas do novo membro. A tarefa dos pais é dar condições de sobrevivência a esta criança, bem como transmitir-lhe seus valores morais e religiosos. É enfim, preparar esta criança para que ela possa viver em sociedade.

Está é uma fase de muito trabalho e cansaço para o casal, pois tem que se desdobrar em atender às necessidades dos filhos bem como atender às exigências profissionais da grande competição no mercado de trabalho. A mulher é convocada para ajudar na renda familiar fazendo trabalhos fora do lar, e os filhos, ainda pequenos, são colocados, por algum período, em creches ou escolas especializadas. O papel dos avós nesse momento é o de dar ajuda aos filhos, tomando sempre o cuidado de preservar a autoridade dos pais.

A família não é a mesma quando os filhos crescem e se tornam adolescentes. O ritmo da rotina familiar é outro, bem diferente daquele em que os filhos são bebês. As exigências são bem diferentes. Nessa fase, o sistema familiar se abre para receber muitas influências de outras famílias, da sociedade em geral, e da televisão, que vem sendo um veículo de grande influência nos padrões de comportamento dos jovens e das crianças. A família que tentar fechar-se em si mesma poderá sofrer atraso no seu caminho rumo ao desenvolvimento de seus membros. Os pais devem se adaptar a cada nova fase do ciclo familiar, procurando caminhar

Com os filhos adolescentes o ritmo da rotina familiar é outro, as exigências são diferentes, as influências externas levam a novos comportamentos, o diálogo deve ser aberto e franco.

paralelamente com o momento de desenvolvimento em que seus filhos se encontram. O diálogo aberto e franco sobre os temas de sexo, drogas, comportamentos, deve ser uma constante preocupação para os pais das famílias que têm seus filhos na adolescência. Caminhar juntos, procurando aceitá-los como eles estão e ao mesmo tempo tentar influenciá-los com seus princípios é tarefa difícil, porém não é impossível quando existe amor e paciência. O importante é saber sempre em que momento do ciclo familiar nos encontramos, para que possamos dar as respostas corretas às necessidades que se apresentarem.

Os filhos crescem, e então se encontram no momento de escolherem seus próprios cônjuges, fechando o ciclo de desenvolvimento. E a história se repete: de pais se tornam avós e, a cada novo momento a vida familiar exige de seus membros uma nova atuação. Se isto não acontece e a família não aceita o crescimento e a diferenciação de seus membros, as pessoas adoecem, param de crescer, fecham-se em si mesmas

e se tornam incapazes para o amor. Como diz o poeta: "nossos filhos não são nossos filhos, são como flechas que nós atiramos para o mundo".

Finalmente, o estágio tardio da vida familiar. Os pais, idosos, lidam agora com o tempo ocioso causado pela aposentadoria, as doenças crônicas, que são o resultado natural do desgaste provocado pelos anos de existência. Inseguranças, perdas de pessoas queridas, dependência financeira são fatos que povoam a velhice. Mas também a sabedoria, a certeza do dever cumprido e a

Filhos casados, "ninho vazio", tempo ocioso e de perdas compensadas pela sabedoria e certeza do dever cumprido

serenidade para enfrentar a vida que lhe resta são fatores que estão presentes quando se sabe que tudo se fez para acertar.

A marcha do tempo segue e com a família não é diferente. Temos que estar atentos, para seguir o caminhar, acreditando sempre na vida e no amor pelo outro.

@ Em que etapa da nossa vida familiar nos encontramos hoje? Quais os principais problemas e exigências nessa etapa das nossas vidas?

@ Sentimo-nos preparados para as próximas etapas? Participar de um grupo de famílias nos ajuda nessa preparação para as etapas futuras?

A Reforma Agrária no Concílio Vaticano II. "... é necessária a distribuição das terras insuficientemente cultivadas com aqueles que consigam torná-las produtivas. Em tal caso devem ser fornecidos os recursos e meios necessários, sobretudo o subsídio de educação e as possibilidades de uma justa organização de cooperativas. Todas as vezes que o bem comum exigir uma expropriação deve ser estipulada a indenização de acordo com a equidade, levando-se em conta todas as circunstâncias". (Gaudium et Spes, 71).

"O Assunto é Casamento"

Este livro oferece uma orientação segura e atualizada para os que se dedicam à preparação para o casamento.

"Amor e Casamento"

Este outro é uma leitura agradável e séria sobre casamento e família para aqueles que hoje se casam.

Pedidos à Livraria do MFC - Rua Espírito Santo 1059/1109
CEP 30160-031 Belo Horizonte - MG - Tel. (031) 222-5842

Diadema: "Um caso isolado".

Editorial

Palavra de Ministro: foi chocante mas *"é um caso isolado"*. Ninguém entendeu que Sua Excelência naturalmente se referia à filmagem. Realmente não é usual filmar a brutalidade diária e covarde de monstros uniformizados e armados sobre gente lascada nas favelas e periferias das cidades. O corporativismo já produz justificativas: *"eram bandidos perigosos"*. O presidente da Associação dos Policiais Militares afirmou na TV que o filme foi forjado, uma montagem falsa, encomendada por traficantes. Ora, todos sabem que a extorsão da polícia corre solta em cima de contraventores e traficantes que engordam os baixos salários dos policiais. A pancadaria, a tortura e a matança acontecem quando os acordos não são cumpridos e o dinheiro não chega na hora certa. Também se aplicam aos pacatos cidadãos que, sendo pobres e indefesos, são suspeitos de fazer denúncias ou pretendem ser testemunhas contra policiais truculentos, corruptos ou assassinos. Por isso, são raras as queixas registradas nas delegacias. O denunciante ficará marcado para morrer e as testemunhas ameaçadas negarão o que viram. Os inquéritos acumulam poeira nas prateleiras da corporação cúmplice, esperando a prescrição e arquivamento.

O episódio estúpido de Dia-

dema, por ter sido filmado e exibido em horário nobre pela Globo, foi visto por milhões de brasileiros e atravessou as fronteiras do mundo. O presidente se disse envergonhado, seu prestígio internacional abalado, políticos de todas as cores manifestaram repúdio, entidades protestaram indignadas. Todos desempenharam com perfeição o papel de ingênuos e surpreendidos cidadãos: jamais suspeitaram que coisas assim pudessem ocorrer. Que horror! O mesmo dizia o povo alemão, no fim da guerra: nunca desconfiaram da matança de seis milhões de judeus, seus vizinhos de rua. Na Argentina, o Cardeal Primatesta, maior autoridade da Igreja durante a ditadura militar do seu país, que exterminou barbaramente nove mil cidadãos, em reunião com todos os bispos, para um exame de consciência, calou com uma surpreendente confissão pública todos os que ainda se desculpavam: *"Nenhum de nós pode afirmar que não sabia o que acontecia"*.

É o que temos por aqui. Todos sabemos que as cenas chocantes da Rua Naval se repetem muitas vezes ao dia, com a mesma brutalidade, nas ruas, delegacias e prisões, em todo o país. Não nos incomodamos muito porque não vemos. A nossa sensibilidade não é ativada. O

noticiário dos jornais reduz esses fatos a registros frios de poucas linhas: *"na troca de tiros, dois bandidos morreram"*, ou *"traficante encontrado morto na vala"*. Se eram mesmo bandidos ou traficantes, nunca se saberá e, se o fossem, a tortura ou o extermínio seriam igualmente repugnantes. Mas o que os olhos não vêem, o coração não sente. Viramos a folha do jornal e logo nos entretemos com o noticiário de esportes. *"Por que foram filmar essas coisas?"*

O pior é que tem gente calada. Não tem coragem de confessar mas no fundo concorda secretamente que *"bandido bom é bandido morto"*, frase lapidar e cruel do policial-ex-deputado implicado na chacina de Vigário Geral. Sonha com a pena de morte, desculpa a matança da Candelária e contabiliza, com macabro prazer, *"menos um... menos dois bandidos"*, a cada notícia desse gênero. Não é capaz de compreender que o perverso bandido que assalta e mata é quase sempre produto de um modelo de sociedade excludente, que desde o nascimento o condenou à subalimentação, à miséria, à falta de escola e de chances de ser gente, ao permanente confronto de sua fome com a abastança de tantos. São sementes de ódio e ressentimento que em alguns se transformarão em sede de vingança contra os que exibem riqueza e prestígio social. Estes continuarão se cercando de grades,

protegendo com alarmes seus privilégios de classe, sem perceber que assim alimentam aqueles ressentimentos geradores de violência e morte. Ou seguirão consumindo o pó com que sustentam o tráfico e o crime organizado por ele gerado, com suas disputas de territórios e balas perdidas, que depois lamentarão.

A providencial filmagem do revoltante episódio teve efeitos salutares: multiplicam-se por toda parte as denúncias de violências policiais, outros filmes guardados por medo são agora exibidos, centenas de processos e inquéritos policiais saem das prateleiras das delegacias e cartórios da justiça militar, projetos de lei são desengavetados, aprovados às pressas, os policiais militares passarão a ser julgados pela justiça civil, a tortura passa a ser crime hediondo, inafiançável e não suscetível de redução de pena ou indultos natalinos. Em suma, acordamos. E já não podemos mais dizer: *"não sabíamos"*.

O cinegrafista de Diadema merece o prêmio máximo de sua arte. Deve ser exemplo e estímulo para outros amadores que sabem manejar essas câmaras, capazes de registrar agressões aos direitos humanos e tantas situações sociais intoleráveis que acontecem tão perto de nós. Finalmente descobrimos o poder dessa arma e de um pequeno rolo de vídeo em mãos de ávidos jornalistas das redes de TV.

Os Padres da Igreja e o direito de propriedade

"Nós, os cristãos, somos irmãos no que se refere à propriedade que, entre vós, gentios, origina tantos conflitos. Unidos de coração e de alma, consideramos todas as coisas como pertencentes a todos. Compartilhamos de tudo em comum, exceto as mulheres. Entre vós, ao contrário, são as mulheres a única coisa que tendes em comum". (Tertuliano, anos 160-240).

"O pão de que te aproprias é daquele que tem fome; do que está nu é a roupa que guardas em teus armários; do que está descalço, os sapatos que se estragam sem utilidade em tua casa; do que nada possui, o dinheiro que está no teu cofre". (São Basílio, 329-379).

"Qualquer um que possua mais do que o necessário para viver deve dá-lo a outrem, e considerar-se devedor de tudo quanto dá". (São Jerônimo, 331-420).

"A natureza dá tudo em comum a todos. Deus criou os bens da terra para que os homens desfrutem em comum e para que sejam propriedade comum de todos. Foi a natureza, portanto, que estabeleceu a igualdade, e foi a violência que criou a propriedade privada". (Santo Ambrósio, 340-397)

"Impossível enriquecer honradamente. Mas perguntarão: se houver herdado de seus pais? Pois bem, terá herdado o que foi adquirido desonestamente". (São João Crisóstomo, 344-407).

"O supérfluo dos ricos é o necessário dos pobres. Quem possui um bem supérfluo possui um bem que não lhe pertence". (Santo Agostinho, 354-430).



O potencial humanizador da união conjugal

Helio e Selma Amorim
Editores de Fato e Razão

A união de um homem e uma mulher, fundada no amor, num projeto de vida a dois que inclui a constituição de uma família, firme desejo de estabilidade, respeito às individualidades, compromisso recíproco de empenho na plena realização pessoal do outro, é um relacionamento humanizador por excelência.

Para os cristãos, numa perspectiva de fé, uma união assim assumida, se apresenta como um símbolo da relação amorosa e humanizadora de Deus com o seu Povo. Se os que assim se unem, assumem a sua união com plena consciência de sua dimensão simbólica, e tomam o amor de Deus como inspiração e modelo para a vivência e crescimento do amor conjugal, este símbolo é proclamado como sinal ou *sacramento* do amor de Deus.

Dizemos que o sacramento, naquela visão de fé, é um sinal *sensível* (que se percebe pelos sentidos, é visível nos seus gestos e manifestações) e *eficaz* (reproduz e alimenta o seu conteúdo simbólico). Ou seja, o casal que

assim se ama, nos faz recordar o amor de Deus e, ao mesmo tempo, faz crescer o amor daqueles que o assumiram nessa perspectiva sacramental.

Para entendermos mais claramente o verdadeiro sentido deste sacramento *divino*, vamos recuar um pouco para compreender a força humanizadora dos sinais simbólicos em nossas vidas e recuperar, ainda que apressadamente, a riqueza dos sacramentos na vida dos cristãos.

1. Os sacramentos humanos

A pessoa humana se exprime e se comunica através de sinais, símbolos e ritos. O sinal mais habitualmente usado é a palavra, falada ou escrita. Mas nem sempre as palavras bastam para traduzir pensamentos, idéias, sentimentos e emoções.

Gestos simbólicos podem significar muito mais que longos discursos.

Um aperto de mão é mais que um simples movimento de músculos e nervos mas sinal ou símbolo de respeito, cordialidade, compromisso mútuo. O abraço ou o beijo, a carícia ou o encontro sexual, tampouco são puras manifestações físicas ou biológicas mas expressões de sentimentos, afeto e amor. O aplauso ou a vaia são mais que sons e ruídos produzidos por mãos e vozes humanas. São gestos simbólicos que exprimem sentimentos de satisfação ou repúdio.

Também objetos, coisas simples, podem ganhar um forte significado simbólico e tornar-se sinais de sentimentos profundos. Muitos desses simbolismos podem mesmo socializar-se e aderir a gestos e objetos, dando-lhes significados que ultrapassam a sua natureza e materialidade. Ao longo do tempo, vão sendo assim entendidos por todos e de certa forma se institucionalizam. Esses simbolismos, então, se incorporam à cultura de uma comunidade ou um povo.

Assim nos vemos cercados por esses sinais e ricos simbolismos, às vezes pessoais, outros culturais. A flor ressecada que alguém guarda há muitos anos entre as folhas de um livro, é muito mais que uma flor, simples órgão reprodutor de uma planta. É um sinal ou símbolo que, algum dia, alguém usou para exprimir o seu amor. Encontrar esse objeto simbólico ao folhear o livro, rememora o gesto e reacende sentimentos, provoca um calor interior que realimenta antigos sentimentos. A oferta de flores como sinal de afeto

Nem sempre a palavra falada ou escrita é suficiente para traduzir pensamentos, idéias, sentimentos e emoções: gestos simbólicos podem significar mais que longos discursos

é mesmo um daqueles muitos simbolismos já incorporados à cultura de tantos povos. Uma vela grossa e já deformada que vem sendo usada em todas as celebrações mais marcantes da família (aniversários e batizados, nascimentos e mortes), é preservada com cuidado e carinho, torna-se uma relíquia familiar, porque rememora cada um desses episódios, festivos ou sofridos, que nenhuma outra vela seria capaz de recordar. Uma camisa rasgada e manchada de sangue, guardada zelosamente e exposta pelos companheiros do lavrador assassinado na luta por um pedaço de chão, deixa de ser uma simples camisa para se tornar símbolo dessa luta por justiça social. Cada vez que é vista (sinal sensível), recorda o sentido daquele triste episódio e realimenta nos companheiros (sinal eficaz) as razões, o ardor e a coragem para continuar a luta.

Se continuarmos a olhar o que nos cerca, vamos encontrar em gavetas e armários, muitos outros objetos carregados de significados que ultrapassam a sua natureza. A velha mesa herdada dos avós que

se foram, na qual comemos os mingáus da nossa infância. O relógio que um pai falecido usou durante toda uma vida, e que nos faz recordar, com carinho, o seu gesto lento de tirá-lo do bolso para consultar as horas e nos mandar para a cama dormir.

A lista, para muitos, será interminável. Esses objetos, provavelmente não terão valor mercantil e teriam sido descartados se não tivessem adquirido um significado simbólico que os tornam inegociáveis.

Porque aqueles gestos e estes objetos já não são apenas gestos e objetos. São sinais sensíveis e eficazes, ou *sacramentos humanos*. Ganham uma força que em si mesmos não possuíam, o poder de rememorar, alimentar e reavivar os sentimentos e emoções que exprimem e significam.

Ao repetirmos aqueles gestos, ao ver e tocar estes objetos simples, ressurgem, com renovado ardor, a saudade, a solidariedade, o afeto, o carinho, a indignação frente à injustiça, e tantos outros sentimentos e emoções. Então somos impelidos a vivê-los mais intensamente, traduzindo-os em práticas concretas.

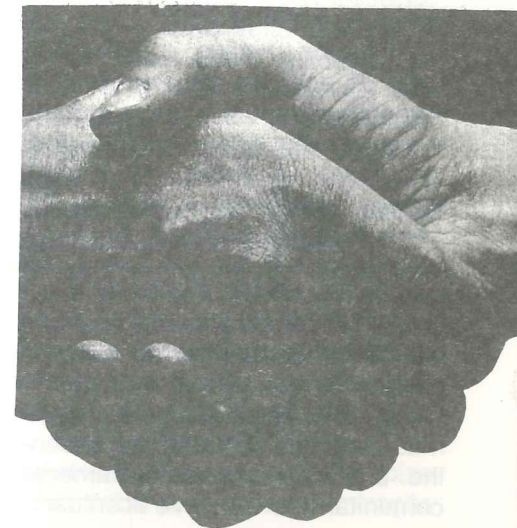
2. Os sacramentos divinos

Há sacramentos que são sinais da presença de Deus e do seu amor em nossas vidas e na história humana. Ou fazem referência explícita à nossa relação com Deus e ao compromisso do

cristão com o Seu projeto humanizador. São os *sacramentos divinos*. Suas expressões e ritos, *sinais sensíveis*, são criações da cultura e tradição da Igreja, atualizados ao longo dos séculos. Como *sinais eficazes*, essa eficácia virá da Graça, dom gratuito de Deus.

São inúmeros. Mas a Igreja privilegia alguns muito especiais e os celebra com ritos plenos de significado. Esses sacramentos correspondem às realidades humanas mais marcantes. Mas nem sempre a essência humanizadora desses sacramentos, o seu significado mais profundo e os compromissos deles decorrentes são bem compreendidos por muitos cristãos. Também nem sempre os ritos com que são celebrados contribuem para essa compreen-

Um aperto de mão é mais que um simples movimento de músculos e nervos



são. Nessa matéria, a linguagem e conceitos usados na catequese continuam falhos e inadequados, ainda muito presos a categorias superadas pelas concepções e conhecimentos próprios do mundo moderno. Vêm sendo profundamente revistos, embora lentamente, com uma saudável preocupação pedagógica: os ritos colaborando com uma catequese mais adulta, superando reações conservadoras.

Vejamos quais são esses sacramentos mais marcantes na vida da Igreja.

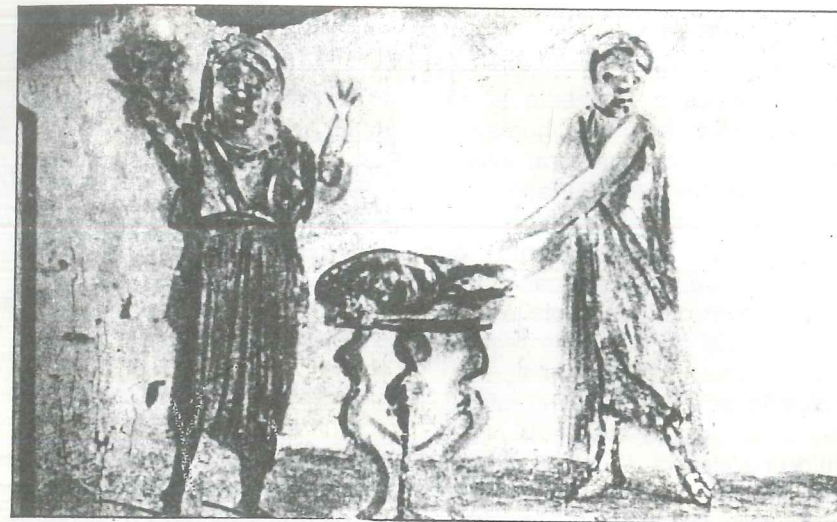
Batismo: por definição, é a acolhida de uma pessoa por uma comunidade. Como antes recordado, Jesus foi batizado por João Batista, como sinal de sua acolhida no grupo dos que o seguiam. Usa-se a mesma palavra para o rito de acolhida dos novos membros de qualquer grupo social. O soldado que participa da primeira missão de combate dirá que teve o seu "batismo de fogo". Doravante se sentirá plenamente acolhido pelos veteranos do seu pelotão.

Para os cristãos, o batismo é o rito de acolhida de uma pessoa pela comunidade dos que aderiram ao projeto de Deus e constituem o Seu Povo, a Igreja. Há muitos séculos, predomina o batismo de crianças recém-nascidas. No início do cristianismo não era assim. Só adultos, depois de uma longa catequese, eram batizados. As crianças não têm consciência do que se passa. Por isso, não se trata de um sacramento assumido pela criança mas pela comunidade que a acolhe. É um sacramento tipicamente comunitário. O rito deve acentuar

Os cristãos formam a comunidade daqueles que aderiram ao projeto humanizador de Deus

essa realidade. É indispensável, portanto, a presença da comunidade cristã nesse ritual de acolhida, para assumir o compromisso de orientar aquela criança para uma adesão futura e progressiva ao projeto de Deus. A comunidade delega aos pais e a alguns dos seus membros, chamados padrinhos, por escolha da família, a responsabilidade mais direta e próxima, mas não se exime da corresponsabilidade coletiva pela formação da criança.

Que comunidade é essa? Os cristãos formam a comunidade daqueles que aderiram ao projeto humanizador de Deus. Mas vivem num mundo modelado pelos que não aderiram, antes se rebelaram contra esse projeto, representados por Adão e Eva no relato bíblico. Essa rejeição ao projeto de Deus, pela humanidade, ao longo dos milênios passados e reafirmada no presente, constitui o *pecado original* que, como já vimos, é assim chamado por ser a origem, ontem e hoje, de todos os males do mundo. Então, pelo batismo, a comunidade acolhe aquela criança que se insere no seio do povo fiel ao projeto de Deus, ou seja, o povo que rejeitou o pecado original. Por isso, se dirá que o batismo preservará a criança do pecado original, não como uma *mancha na alma*,



Esta pintura nas Catacumbas de S. Calixto (ano 220) retrata a celebração da Eucaristia, feita nas casas dos cristãos.

herdada de personagens míticos, mas do risco sempre latente da desobediência ao projeto de Deus. A Graça que dá eficácia ao batismo, sacramento comunitário, é oferecida por Deus à comunidade dos cristãos, especialmente aos pais e padrinhos, para que consigam ser fiéis ao compromisso por todos eles assumidos.

Confirmação ou crisma.

Mais tarde, conhecendo a responsabilidade própria do ser cristão, consciente da sua missão, aquela criança do batismo prematuro de acolhida, é convidada, já quase adulta, a *confirmar*, livremente, a sua adesão ao projeto humanizador de Deus, com todas as suas consequências. Essa *confirmação* ou *crisma*, na prática atual da Igreja, corresponde ao batismo nas primeiras comunidades cristãs. O rito é presidido por um bispo, para acentuar a importância dessa ade-

são madura, livre, consciente, responsável ao projeto de Deus. A preparação para essa confirmação exige, portanto, uma diligência muito especial, para não se reduzir a um ritualismo inconsequente, no crismar por crismar, ou porque toda a turma da escola católica vai por aí, como prática já institucionalizada e anualmente repetida. A Graça que dará eficácia ao sacramento será derramada por Deus, como sempre gratuitamente, sobre aquele cristão que assumiu, agora conscientemente, a missão humanizadora da Igreja, como expressão de uma fé adulta.

Reconciliação. Acontece que o cristão, por suas limitações humanas e pelas pressões sociais a que está sujeito, é frequentemente infiel aos compromissos da missão que assumiu. Afasta-se do projeto de Deus e se desumaniza ou contribui para a desumanização

dos outros. Deus então o convida amorosamente para reconhecer suas limitações e restabelecer a rota que leva à plena humanização. O rito para celebrar esse retorno também tem variado, ao longo dos séculos. Durante muito tempo e até recentemente a passagem pelo confessional em conversa com um sacerdote era a única fórmula aceita. Mais recentemente, valorizam-se rituais de absolvição em confissões comunitárias e no próprio ato penitencial incluído na liturgia da missa. Já se aceita que um encontro de reconciliação com Deus e o seu projeto também se pode realizar no íntimo da consciência e do coração de cada cristão, num ato de reconhecimento das próprias limitações e de ilimitada confiança no amor gratuito de Deus. O pedido de reconciliação com Deus através do sacerdote se mantém como oportunidade de aconselhamento, de esclarecimento de dúvidas e ajuda à tomada de decisões mais corajosas. A Graça que dá eficácia a este sacramento é oferecida por Deus ao cristão que precisa de forças para superar suas fragilidades e reforçar suas resistências às influências externas negativas que tentam afastá-lo da humanização.

Eucaristia. Na luta pela justiça, vivendo a partilha do que possui, do que é, do que sabe, para que cresça a comunhão entre todos os homens, o cristão busca coragem e discernimento no encontro pessoal com o Cristo que se faz presente *no pão e no vinho partilhados e servidos na mesa comum*. A eucaristia é, assim, o *sacramento da partilha e da*

Na Eucaristia, sacramento da comunhão e da partilha, Jesus se faz presente no pão e no vinho partilhados, servidos na mesa comum

comunhão. O pão e o vinho foram escolhidos por Jesus justamente por representarem, simbolicamente, os frutos da terra e da natureza, e os produtos do trabalho dos homens, que devem ser repartidos entre todos e não consumidos por uma minoria privilegiada. A humanização supõe necessariamente essa partilha, *para que todos tenham vida, e vida em abundância*. Para que se estabeleça uma verdadeira *comunhão* entre todos os homens e mulheres, em todo o mundo. Na celebração deste sacramento central da vida do Povo de Deus, Cristo se faz presente não no pão e no vinho, mas no pão e vinho *partilhados*. Da mesa dessa partilha do pão e do vinho, participam os cristãos comprometidos, na sua vida cotidiana, com a partilha dos benefícios oferecidos pela natureza e gerados pelo trabalho humano. Tudo o que antes dissemos sobre a essência do ser cristão está resumido no compromisso da partilha e comunhão (comun-união), celebrado nesse sacramento que alimenta tão exigente disposição. Portanto, não tem sentido participar da eucaristia sem a vivência ou disposição efetiva de viver o que nela é cele-



O homem e a mulher que se unem por um amor gratuito, fiel, comprometido com a humanização do outro, decobrem-se como sinal, símbolo, sacramento do amor de Deus, que tomam como modelo.

brado. Uma questão de coerência. O rito da comunhão é de extraordinária riqueza, um sinal sensível, visível e eloquente daquilo que significa. A Graça de Deus que lhe dá eficácia se concretiza em renovada coragem para o cristão partilhar, sempre mais, seus bens, seus talentos, seu saber e seu tempo, com aqueles que vivem em situações denumanas. Também para alimentar o seu *elán* e entusiasmo nas lutas em favor de mais justiça e solidariedade nas relações sociais e nas estruturas da sociedade. É um sacramento comunitário, celebração de *comunhão entre todos os homens e mulheres*. Não

se trata, portanto, como alguns entendiam, por uma falha de catequese, de um sacramento reduzido a mero *alimento espiritual* para a alma, separada do corpo e das realidades humanas, sem referência aos compromissos da partilha.

Ordenação para o ministério sacerdotal. No Povo de Deus, muitos são os carismas e ministérios de serviço aos cristãos e ao mundo. Todos são necessários para que seja fecunda a presença da Igreja no mundo. Alguns dos cristãos que formam o Povo de Deus, com especial vocação de serviço e dedicação integral

à missão da Igreja, recebem um mandato especial para exercer ministérios e funções mais exigentes. Essa opção especial de serviço é celebrada solenemente e constitui o *sacramento da ordem*. A Graça de Deus opera para dar a esses cristãos a necessária coragem e discernimento para o exercício fecundo e corajoso dessa missão tantas vezes heróica.

Unção dos enfermos.

Na luta pela vida, na doença ou frente ao risco da morte, recorda-se o Deus da vida, que envia Seu filho para oferecer a todos vida abundante. A unção com os óleos usados no passado para dar força aos guerreiros e gladiadores, preparando-os para a luta contra a morte, é o sinal sensível desse sacramento. É canal para a Graça de Deus transbordar sobre aqueles que deverão enfrentar as vicissitudes da enfermidade e a aceitação da morte, como prenúncio e esperança confiante da ressurreição.

3. Retornando à união conjugal

O sacramento do matrimônio é um sacramento divino, por sua referência a Deus. Como nos demais sacramentos, há uma matéria prima indispensável: o amor entre um homem e uma mulher que, numa perspectiva de fé, tomam o amor de Deus por nós como modelo para o seu amor. Os que assim se unem conheceram como o Deus da Bíblia nos ama: amor gratuito e fiel, amor-doação-serviço

Muitos casamentos celebrados nas igrejas não são sacramentos do amor de Deus, não obstante o belo cenário e a solene coreografia

comprometido com a nossa humanização, que respeita a nossa originalidade, e aceita nossas limitações, que não domina, antes nos liberta, que não manipula e sufoca, antes nos promove e ajuda a caminhar, um amor capaz de levar a dar a vida por nós (o que não é simples hipótese romântica mas morte real e de cruz).

Então percebem que a sua união, fundada no amor, é um sinal ou reflexo ainda que pouco luminoso do amor de Deus. Estão dispostos a viver esse amor numa profunda relação inter-pessoal, dialogal, de revelação mútua, mutuamente comprometidos com a realização das potencialidades do outro, que se expresse em atos concretos e gestos simbólicos. Nunca fechado em si mesmo, mas aberto ao mundo e comprometido com a justiça e a humanização da história humana, nela intervindo, como Deus sempre o fez, em favor nos mais fracos. Estão prontos, então, a proclamar que a sua união é um *sacramento divino*. Para isso, convidarão a comunidade cristã, seus parentes e amigos, aos quais anunciarão a sua união e pedirão apoio para vivê-la nessa dimensão sacramental. Esse é o sentido da celebração religiosa do casamento

que inaugura uma nova família cristã. A comunidade presente, consciente do que está sendo celebrado, responderá ao pedido do casal, comprometendo-se a ajudá-lo na concretização da sua disposição de se amarem sempre como Deus nos ama. O sacerdote que, em nome da comunidade preside a celebração, reconhece e proclama, então, que essa união é um sacramento divino, cujos ministros são, na verdade, os que se casam. Porque, de fato, somente eles são capazes de dar à sua união essa dimensão sacramental. Este ritual tão emocionante e a vivência do casal serão os *sinais sensíveis* desse sacramento. A Graça que tornará esse *sinal eficaz* será derramada por Deus sobre o casal e sobre todos aqueles que assumiram o compromisso de ajudá-lo a viver a sua união como sacramento.

Temos que reconhecer que muitos, talvez a maioria dos casamentos que se celebram nas igrejas, não são sacramentos, não obstante a bela coreografia montada, com música, flores e tapetes. Não passam de um ato social, enraizado na nossa cultura, mas nada tendo a ver com a fé, sem referência consciente ao amor Deus tomado como modelo de união humanizadora, com os compromissos dele decorrentes.

Por outro lado, há graus de sacramentalidade matrimonial. Se a dimensão sacramental decorre da qualidade e profundidade do amor que une o casal, quanto mais se amam, mais se assemelhará o seu amor ao amor de Deus, portanto, mais nítida e real será a

A densidade sacramental da união do casal é destinada a ser cultivada e crescer no cotidiano na vida conjugal

sua sacramentalidade. Na vivência do casal, ao longo de sua vida conjugal, haverá tempos de maior e tempos ou momentos de menor densidade sacramental.

Essa concepção representa um desafio evidente. Quer dizer que o sacramento não é um selo de garantia ou marca indelével e definitiva gravada numa linda celebração. Aquele não foi um ato mágico, que transformou em sacramento o que antes não era. Na verdade, a sacramentalidade nasceu no momento em que os dois reconheceram a semelhança do seu amor com o amor de Deus e o assumiram como tal. A celebração foi o anúncio e o pacto estabelecido com a comunidade cristã. Tampouco ficou definido, naquele momento, o grau de sacramentalidade da sua união. Talvez fosse apenas incipiente e ainda débil essa dimensão sacramental, diante do imenso potencial de crescimento e amadurecimento do amor dos dois.

Esse é o desafio: a sacramentalidade da união conjugal é chamada a crescer, consolidar e aprofundar-se. Ou seja, o amor que os uniu terá que ser cultivado cuidadosamente, no dia-a-dia da vida conjugal e familiar para que

cada vez mais se pareça com o amor de Deus.

Assim, todos os gestos e ações que contribuem para o crescimento do amor, acrescentarão mais densidade sacramental à união conjugal. O carinho e gestos de ternura, o relacionamento sexual como expressão e celebração festiva do amor, a ajuda mútua, o reconhecimento das qualidades do outro, o incentivo à sua realização pessoal, o respeito à individualidade - tudo contribuirá para o crescimento do amor e, portanto, para a crescente densidade sacramental da união conjugal. Mas vice-versa: a falta desses alimentos pode esvaziar o amor e a sacramentalidade no princípio assumida. Podemos concluir que o potencial humanizador da união do

homem e da mulher está diretamente relacionado com a sua sacramentalidade, se esta tem sua densidade definida pela profundidade do amor humanizador que os une.

Isto vale para os cristãos e os não-cristãos. Estes, se vivenciam a sua união fundada num amor humanizador semelhante ao amor de Deus, não saberão, por estar ausente a fé, que nela há uma dimensão de sacramentalidade, não expressa e proclamada. Essa dimensão é percebida pelos que os conhecem e os vêem com os olhos da fé. Em qualquer tempo poderão descobri-la e anunciar com alegria a sacramentalidade só então percebida. E reconhecer que ela é muito anterior à descoberta tardia.

@ *Que outros exemplos de sacramentos humanos valorizamos em nossas vidas e em nossas relações?*

@ *Que semelhanças percebemos entre sacramentos humanos e sacramentos divinos?*

@ *As celebrações e liturgias dos sacramentos ajudam a compreender o seu sentido mais profundo? Como e por que? Exemplos.*

@ *Quais os gestos e atitudes do casal que contribuem para aumentar ou fazem diminuir a densidade sacramental da sua união? Exemplos.*



Aprendendo com os animais. Durante a era glacial, muitas espécies animais foram desaparecendo por causa do frio. Mas os porcos-espinhos sobreviveram porque se juntavam abraçados para se agasalharem uns aos outros. Os espinhos feriam mas o abraço produzia o calor necessário à sobrevivência. Com sabedoria preferiram conviver com os pequenos ferimentos causados pela estreita convivência. O importante era o calor do outro. E assim sobreviveram.

Será?

Esta reflexão é baseada em duas partes totalmente diferentes, desvinculadas uma da outra, pois foram colocadas para analisar problemas e contextos diferentes, para responder às questões que, embora possam ser ligadas entre si, propõem desafios específicos.

A primeira fonte provém de uma conversa que tivemos, há pouco tempo, uma amiga e eu. Essa amiga, membro ativo da Renovação Cristã, estava voltando do México onde participara de uma reunião de dirigentes desse movimento a nível mundial.

Segundo ela me disse, houve praticamente unanimidade na exposição de uma preocupação comum: em todas as partes, localidades ou faixas do seu movimento notava-se que os seus membros eram, na sua maioria, pessoas de uma idade considerada alta, ou seja, de geração já considerada ultrapassada pelos jovens. Não apenas quanto à sua idade cronológica mas quanto à perspectiva de suas proposições ideológicas e de sua posição dentro do contexto cultural - embora o movimento, em si, tenha caminhado no sentido da

Beatriz Reis
Ex-Presidente Nacional e Latino-Americana do MFC

busca de um contínuo amadurecimento cultural e humano.

Esse fato levou-nos à constatação de que, ou as propostas consideradas válidas por aquele e outros movimentos, talvez mesmo o nosso, não respondessem às indagações, angústias e expectativas das gerações mais jovens, ou essas gerações já se haviam tornado imunes às questões mais relevantes e atormentadoras do mundo de hoje, vivendo mais ou menos desvinculada da verdade e dos desafios por ela apresentados.

Esse problema me parece mais amplo, mais geral, não apenas da Renovação Cristã. Talvez o MFC também se defronte com problema semelhante.

Pareceu-me necessário partir para uma pesquisa, procurando descobrir, não o óbvio, mas o que está atrás desse desinteresse das gerações mais jovens diante de propostas importantes, apresentadas com maior ou menor profundidade, por alguns dos movimentos que existem atualmente.

No decorrer dessa pesquisa, defrontei-me com o livro de J. Comblin, "Cristãos rumo ao século XXI - nova caminhada da libertação"

(Ed. Paulus), que embora tratando de assuntos diferentes e muito mais amplos, deixa espalhadas, em muitas de suas páginas, "pérolas" que, vistas em conjunto e re-colocadas de um modo seqüencial, talvez nos pudessem indicar o porquê dessa situação. E ainda possa levar-nos a descobrir - cada um a seu modo, dentro do contexto em que trabalha - possíveis caminhos ou alternativas que possam ajudar-nos nessa caminhada que, mesmo sendo feita ou guiada por metodologias diferentes, busca a construção de um mundo humano e fraterno.

Retirei portanto, do livro de Comblin, esses pequenos tesouros esparsos, coloquei-os numa seqüência diferente para que pudessem apresentar a unidade que têm entre si, mas sempre seguidas do número das páginas de onde foram tiradas.

É claro que qualquer má colocação ou má interpretação do texto exposto se deve unicamente à autora dessa reflexão.

Textos que abordam problemas mais amplos, constatando a realidade hoje existente

"Estamos em uma nova fase da história social da América Latina. O que parecia óbvio há 30 anos tornou-se incompreensível e o que se rejeitava então, vale hoje" - (122).

É importante perceber o que está acontecendo, levando em conta a continuidade histórica entre cristianismo e aspirações modernas

"Se, como diz Gustavo Gutierrez, uma etapa da história terminou, não podemos prolongá-la cegamente. Está na hora de parar para analisar e preparar uma nova história. O importante é perceber, na medida do possível, o que está acontecendo"(6) "levando em conta a continuidade histórica entre cristianismo e aspirações modernas" (57).

"Isto porque o ser humano é terrestre, temporal, não podendo, por isso mesmo, buscar sua liberdade ou sua realização num mundo ideal, imaginário, projetado sem levar em conta sua condição corporal"(70).

Assim, cada "ser humano realiza-se com o outro, no meio dos outros e no intercâmbio com os outros"(88).

Durante uma ou duas gerações "foi evidente para muitos que o amor do próximo exigia uma luta decidida para a transformação da sociedade então existente"(119).

Hoje, por várias circunstâncias que analisaremos adiante, isto já não parece ser tão evidente para as novas gerações. É preciso levar em conta, no entanto, que, apesar disso, "a libertação social ainda é hoje, e

mais do que nunca, uma prioridade a ser praticada cada dia, embora muitos a tenham perdido de vista"(164).

Os problemas e desafios sociais mudam com a evolução dos tempos e não adianta querermos voltar a caminhos antigos, outrora válidos e evidentes e hoje esquecidos ou desvalorizados pelas gerações jovens. "Tudo indica que entramos em uma época de dúvidas e incertezas. Na realidade, ninguém tem mais a solução" (181). "Nada consegue frear a cultura norte-americana, criando um ambiente receptivo a tudo o que vem dos Estados Unidos" (222).

"Uma transformação social não pode proceder de grupos em grande parte representantes ainda da velha sociedade, velhas formas de solidariedade. Será preciso inventar então "algo novo e o novo é inventado pelos jovens e pelos que estão enfrentando novas situações" (162). "Vai ser preciso definir o que se quer e sair da presente ambigüidade"(163). E ainda levar em conta que a modernidade não se opõe à religião, mas pretende que ela se mantenha no âmbito da vida privada (282).

Preocupação geral

"Hoje os pais da classe burguesa descobrem, com espanto, que os jovens, seus filhos, abandonam todas as instâncias tradicionais. Também na vida pri-



Os jovens abandonam as instâncias e valores tradicionais e praticam o individualismo absoluto, alheios aos grandes problemas sociais.

vada, praticam o individualismo absoluto. Doravante há uma moral somente: a moral da promoção individual. Não há mais solidariedade. Quem poderia devolver valores éticos a uma classe que perdeu até mesmo a sensibilidade ética? (287)". E o egoísmo (...) a dissolução dos valores antigos reduz a vida a uma sucessão de momentos estanques, sem continuidade, sem sentido e sem rumo. A sensação do momento aparece como a única referência"(291).

"A burguesia procura aplicar na religião a mesma distinção que vigorou na ética. O princípio é: a religião é assunto da vida privada. A religião não pode reger a vida pública"(292) pois, na modernidade o cristão deixa de se descobrir no mundo; descobre-se em si próprio, em seu próprio caminho de introspecção"(303).

Hoje em dia a própria cultura faz com que cada vez mais o "eu" seja considerado o centro das preocupações das pessoas. Como pode haver a verdadeira libertação pessoal num mundo fascinado pelo "eu"? (301).

"A grande maioria do catolicismo tradicional tem uma fé e uma religiosidade que procedem da parte de fora, algo puramente recebido; recebe pelo catecismo o que devem crer, recebem dos padres os sacramentos; e recebem por meio dos mandamentos da Igreja o que devem fazer. São receptivos passivos e executores passivos"(324).

Importância de se perceber, na medida do possível, o que está acontecendo

Como podemos perceber, "estamos diante de uma situação nova e na qual os modelos antigos já não se aplicam" e "o tempo das sínteses ainda não chegou"(17). "A renovação da religião e da cultura em geral deriva da despolitização da sociedade; a vida diária ocupa o centro da atenção"(16). Daí a necessidade de uma evangelização para o mundo moderno, levando em conta que os homens e as mulheres modernas jamais aceitarão voltar à cristandade tomada como um conjunto e que a evangelização da cristandade é bem diferente da evangelização primitiva marcada que era por uma época já ultrapassada (37).

Será possível integrar hoje, pergunta Comblin, num mesmo evangelho, as aspirações dos homens e a revelação de Deus?" (54).

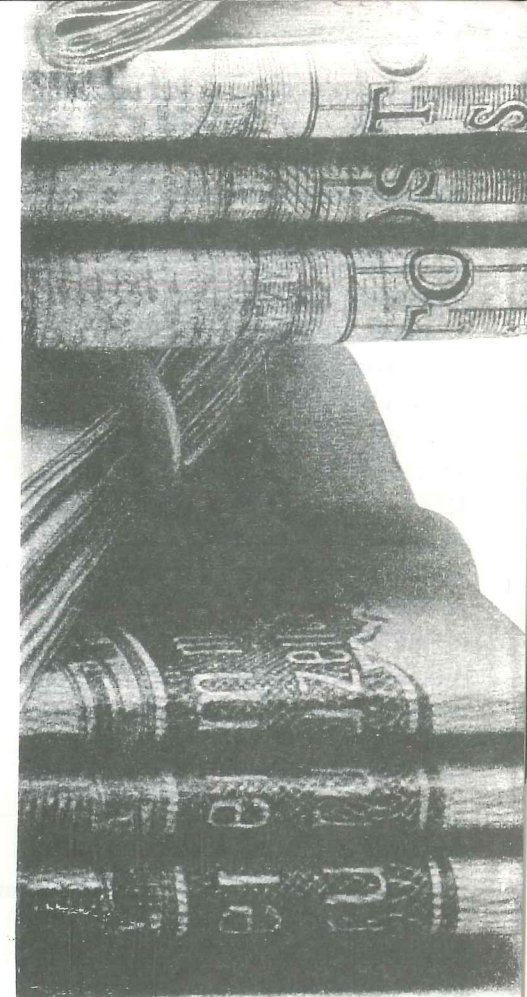
"No cristianismo primitivo, o valor supremo era a liberdade" (59). "O evangelho de Paulo contém a rejeição de um sistema de vida e a adoção de um novo sistema - anúncio da liberdade - emancipado, fundamental, de alcance radical da vida. Se o cristianismo se tivesse limitado a esse evangelho, é provável que teria a aceitação muito mais universal do que a aceitação das igrejas" (62).

A razão de ser da liberdade humana é o amor de Deus - e é da

A liberdade pessoal supõe a libertação global de todo o gênero humano

essência da liberdade o fazer-se a si próprio"(67) "dentro de um contexto, de uma evolução, de uma história concreta. Por isso, a liberdade é sempre a vivência pessoal e cada um pode tornar-se livre apenas dentro de uma emancipação global de todo o gênero humano"(68).

Essa liberdade supõe a criação de um relacionamento novo, fraterno, concreto, sempre real"(90). "Logo, construir a liberdade é construir uma rede de relações hoje, não apesar mas dentro da modernidade e da pós-modernidade"(95-116). E quem se situa fora desse ambiente de liberdade corta a comunicação com o mundo moderno. De nada vale o colocar-se fora do mundo atual, rejeitando a sua linguagem e sua posição diante da liberdade. É dentro desse contexto, usando a sua linguagem, que podemos situar a mensagem cristã sobre a vocação à liberdade"(117). "Isto porque o evangelho é o anúncio do amor de Deus; ao entrar na condição humana, o amor torna-se múltiplo e variado, produzindo as mais diversas expressões, sem que possamos denunciar necessariamente corrupções ou desvios (...) pois isto contribui, em boa parte, para a diversidade da história, tornando-a um movimento imprevisível, assim como os acontecimentos que a compõem"(119).



A idolatria do dinheiro, do consumo e do mercado marcam uma sociedade que se deixa escravizar por esses falsos deuses.

Tentando concluir

Como vimos no princípio, "é inútil querer fugir da história. A realidade é mais forte que as ideologias"(153).

"Temos hoje o mundo dos executivos que não têm nenhuma

solidariedade com as outras classes, nem ainda com os pobres. Não pensa no futuro, vive apenas o momento presente e tem como único valor o consumo. Ignora portanto o que acontece com a maioria da população, construindo a economia em função do consumidor”(129).

Assumindo sua linha profética, a Igreja denuncia o mal no mundo, a injustiça, a destruição do ser humano e de toda a destruição causada pelo modelo capitalista seguido pela economia, mostrando que a ideologia neoliberal contém a sacralização do dinheiro, o que é o extremo oposto da mensagem cristã” (206), enquanto a libertação social é mais do que nunca e cada vez mais necessária.

“Nesse mundo assim constituído, a personalidade dos jovens se desenvolve fascinada pelos executivos e pelo poder (131) e os meios de comunicação social destroem qualquer capacidade de reflexão crítica, apresentando os slogans repetidos que acabam penetrando na mente das pessoas (233). Isto torna praticamente impossível o nascimento de qualquer projeto de libertação social, pois na base de toda e qualquer libertação social está uma libertação cultural (248) que não apenas não existe e nem mesmo é desejada”.

Possíveis propostas

“O ponto de partida para qualquer ação consiste em reconhe-

A Igreja faz a denúncia profética do mal no mundo e da destruição de povos e da natureza causada pelo modelo de capitalismo neoliberal

cer que existe uma crise de subjetividade, hoje, no militante cristão. E que esta crise não é superficial nem passageira. É preciso perceber ainda que, embora abrangente e profunda, essa crise não vem explicitamente manifestada; apresenta-se de muitos modos como desânimo, apatia, afastamento das lideranças, fortes crises existenciais que põem em xeque o próprio sentido da vida, perda de sentido do valor da vida e dos valores éticos, etc. (Paulo Fernando Carneiro, citado por Comblin, citação parcial, 302). É ainda necessário tomar consciência de que o retrocesso do processo de militância procede de forças universais, ligadas à evolução da sociedade ocidental, pelo menos na sua maior parte (142). Então, quando durante uma geração foi evidente para muitos que o amor do próximo exigia uma luta decidida para a transformação da sociedade, hoje esta evidência perde terreno diante da emergência dos movimentos esotéricos ou espiritualistas, não sensíveis à necessidade de ação para a mudança social”(119-121).

“Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”

É preciso não nos esquecermos, no entanto, de que o problema é muito sério pois a “sociedade atual é tão complexa que qualquer mudança provoca uma infinidade de repercussões e de reações muitas vezes imprevisíveis” provocando, muitas vezes, uma série de problemas novos que tornam necessária a tentativa de criação de um novo equilíbrio” (229).

Hoje, a cultura ocidental nos oferece grandes desafios, muitas possibilidades de agir e de caminhar nos são apresentadas, possibilidades são deixadas em aberto e tudo fica para ser inventado quando se trata de reaprender um estilo de vida

comunitário (161), embora no contexto de vida atual seja muito difícil, para todos, qualquer espécie de comunicação que não seja funcional”(160).

“Por isso mesmo supõe-se a necessidade da existência de vanguardas capazes de definir o que se quer e que tenham autonomia para propor alternativas desvinculadas de qualquer tipo de pressão, para se tentar sair da atual situação de ambigüidade. Isto significa ainda que essas vanguardas precisam ser livres e autônomas, não se subordinando a programas paroquiais ou diocesanos. Que elas sejam flexíveis em sua forma ou na sua organização de seus programas e fortemente inspiradas na fé e formação cristãs sem jamais adotar um modelo uniforme” (162-163).

@ Como encaramos as grandes mudanças que ocorrem na sociedade? Assustam ou abrem novas possibilidades de realização pessoal e social?

@ Os jovens parecem mesmo insensíveis diante dos grandes problemas sociais, no nosso país e no mundo?

@ Que atitudes se esperam dos cristãos, como pessoas, famílias e Igreja, frente aos desafios das mudanças que acontecem no mundo?

@ O que deve ser revisto na vida e nas ações do movimento para que ele seja resposta às expectativas dos jovens?



O cigarro mata 3 milhões de fumantes por ano. É o que apurou a Organização Mundial de Saúde (OMS) em pesquisa mundial. Só no Brasil são 100 mil mortes em cada ano. Para cada 1.000 dólares que o mundo arrecada em impostos sobre o fumo, os governos gastam 1.200 dólares com o tratamento das doenças provocadas pelo cigarro. O Brasil fabrica atualmente 165 bilhões de cigarros por ano, exportando a terça parte dessa produção para ajudar a matar estrangeiros. Os outros dois terços são destinados a envenenar os brasileiros.

Não há vagas

Jaime Lucas de Moraes
Economista

Profundas transformações nos processos de produção, nas tecnologias, na organização e na gestão do trabalho trazidas pela globalização econômica fazem crescer a cada dia, em todo o mundo, a desocupação. No Brasil, problemas históricos crônicos como a alta informalização da economia, uma tradição de baixos salários e relações de trabalho flexíveis são agravantes desse processo. Acrescente-se ainda a demolição, em curso, do estado empreendedor, condição para inserir o país na economia mundial, sem soluções reais para os enormes problemas que esse mesmo estado criou nos últimos 50 anos, como as grandes desigualdades sociais e as dívidas externa e interna, e tem-se o cenário no qual se inserem as questões de emprego e desocupação.

Um cenário complexo, que não facilita a análise do problema. Não só pela dificuldade de mensurar corretamente a sua extensão mas também pelas diferentes visões a respeito do assunto. Uma delas, predominante entre os atuais técnicos do governo é a de que, na verdade, não existe desemprego mas apenas baixos níveis de emprego formal.

Outra corrente de especialistas entende que o emprego não passa de um subproduto da atividade econômica e a crise atual estaria relacionada ao baixo dinamismo da economia. O primeiro ponto de vista se baseia nas estatísticas do IBGE, cujo índice de desemprego, em 1996, ficou em 5,7% da População Economicamente Ativa (PEA), hoje 74,1 milhões de pessoas. Índice muito inferior ao de países desenvolvidos como Itália, França ou Alemanha, que superam os 10%. Já pelas estimativas do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socio-econômico (Dieese) existem no país cerca de 9 milhões de desempregados, ou 12% da PEA, mais que o dobro dos dados apresentados pelo IBGE. O Dieese realiza pesquisas mensais em quatro regiões metropolitanas e no Distrito Federal e leva em conta o "desemprego oculto" (as pessoas que, por desalento ou outras circunstâncias, não procuraram emprego no último mês, apesar de desocupadas). Inclui também quem realiza trabalhos eventuais como "bico" até conseguir uma ocupação fixa. Variáveis não consideradas pelo IBGE.

A favor de quem acredita que o

O desemprego toma conta do mundo, greves gigantescas na França, Alemanha, Argentina, em países ricos e pobres, confirmam esse problema comum de todos os que enveredaram pelos caminhos do neoliberalismo com suas cegas leis de mercado.



desemprego é fruto apenas da baixa atividade econômica, está o fato de que o país ficou estagnado durante quase toda a década de 80, entrou em recessão de 1989 a 1992 e está crescendo a taxas pífias de 1993 para cá. "O principal defeito desta visão é não considerar o fato, indiscutível, de que, mesmo que o Produto Interno Bruto (PIB) cresça em taxas muito maiores do que as atuais, o impacto sobre o mercado de trabalho não será tão significativo como em outras épocas", explica o professor Márcio Pochmann, do Centro de Estudos Sindicais e da Economia do Trabalho (Cesit), da Unicamp. De fato, uma pesquisa do Cesit mostra que, entre 1993 e 1996,

o emprego assalariado regular diminuiu 0,1%. Período em que o PIB aumentou 18,6%. Mesmo o enorme aumento de produção em alguns setores causado pela estabilização econômica não provocou alterações positivas nos índices de emprego. Ao contrário, desde o início do Plano Real, em 1994, desapareceram 800 mil postos de trabalho.

Abertura desenfreada

Considerando os últimos oito anos, o setor industrial fechou algo como 2 milhões de postos de trabalho. Vagas que não serão reabertas,

já que a tendência é de continuidade do processo até as indústrias brasileiras atingirem os patamares de competitividade de seus concorrentes internacionais. Deve-se levar em conta também que todos os anos cerca de 1 milhão e 300 mil jovens estão aptos a ingressar no mercado de trabalho. Só para esses novos contingentes o país precisará criar 5 milhões de empregos até o ano 2000.

Além da herança recessiva dos anos passados, o contexto macroeconômico do momento é francamente desfavorável à melhoria dos níveis de emprego. As exigências de inserção no mercado internacional globalizado levaram as grandes empresas a uma busca incessante de modernização tecnológica e de especialização. Por outro lado, a abertura econômica desenfreada do país encontrou as pequenas e médias empresas completamente despreparadas para esse tipo de competição. Somem-se a isso os altos juros no país - uma das âncoras de sustentação da moeda - que dificultam os financiamentos, e têm-se os principais ingredientes da receita que está arrasando inteiros setores da economia nacional.

A indústria de brinquedos, que já foi o quarto pólo industrial do país, hoje é praticamente importadora. Em setores tradicionais como os de calçados e produtos têxteis, milhares de trabalhadores foram demitidos, centenas de empresas fecharam as portas e as que sobreviveram iniciaram uma revoada para o Nordeste. Uma mudança que poderia até

A globalização cria condições adversas para que cada país adote por si mesmo medidas para reverter o desemprego interno, por causa dos desafios da concorrência no comércio internacional

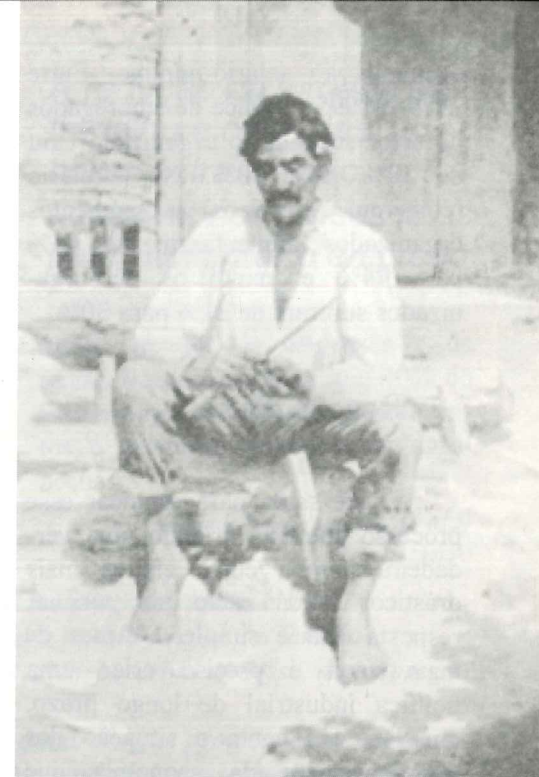
ser positiva se motivada por uma política séria de desconcentração industrial e menos pela busca de fabulosos incentivos fiscais e mão-de-obra barata. No Nordeste ou Centro-Oeste os salários não chegam à metade dos valores pagos no Sul.

Outro exemplo vem do setor de autopeças: o atual regime automotivo favorece as montadoras, alijando do mercado os fabricantes brasileiros de autopeças e acelerando a concentração industrial. Em 1987 existiam no país cerca de 2 mil empresas de autopeças; em 1996 eram menos de 800 e, no ano 2000, a previsão é de 300. O Dieese mostra que hoje o índice de peças importadas nos automóveis montados no país é 87% maior do que há quatro anos. A consequência é que nos últimos cinco anos desapareceram 100 mil vagas no setor. A previsão é de que sobrem apenas 120 mil dos atuais 200 mil metalúrgicos do país. Isso considerando a previsão otimista de que a produção brasileira de automóveis aumente dos atuais 1,8 milhão para 2,5 milhões de unidades até o ano 2000.

Subemprego

Para complicar, nos serviços e no comércio a situação não é muito diferente. O setor bancário, por exemplo, que já teve 1,8 milhão de trabalhadores, hoje emprega cerca de 1 milhão, e deverá baixar para 800 mil nos próximos dois anos. Além disso, a maioria das empresas de comércio e serviços ainda está engatinhando na informatização e automação de tarefas, processos que devem dispensar muita mão-de-obra no futuro. A privatização das estatais de energia e telecomunicações - grandes empregadores - e os ajustes necessários nos governos federal, estaduais e municipais deve provocar outra grande onda de demissões em 1997 e 1998. A precarização das condições de trabalho, ou quase subemprego, com o trabalho parcial, a terceirização, as cooperativas de trabalho e a informalização, é outra marca registrada do processo de reestruturação produtiva em curso. No caso da terceirização, enquanto ela representa redução de custos e aumento da produtividade, para as empresas, para os trabalhadores representa salários mais baixos e o fim de benefícios como previdência complementar, convênios de saúde, transporte e alimentação.

As cooperativas de trabalho, criadas para fugir da pressão dos sindicatos e dos encargos sociais, quase nunca resultam em melhoria de



No campo, o avanço da mecanização dispensa maciçamente mão-de-obra, produzindo um fantástico êxodo rural para abastecer os cinturões de miséria dos grandes centros urbanos

qualidade do emprego. Como se recebe por meta de produção, as jornadas de trabalho são alongadas e desaparecem direitos como o 13º salário, licença-maternidade ou férias remuneradas.

Essa diminuição da qualidade do trabalho ficou evidente em uma pesquisa realizada pelo Cesit-Unicamp que dividiu os empregos em duas categorias: os de segmentos organizados, com carteira assinada e médias salariais mais elevadas, e os não-organizados, normalmente sem carteira assinada e com salários

próximos ao salário-mínimo. Entre 1979 e 1995 o índice de empregados no setor secundário organizado caiu de 30% para 20%, No terciário (comércio e serviços) os segmentos organizados aumentaram de 43% para 44% enquanto os não-organizados subiram de 21% para 30%.

Regras claras

Existe saída para estancar esse processo que está criando uma verdadeira bomba cujos efeitos mais drásticos ainda estão por vir? A resposta não é simples. "Antes de mais nada é preciso criar uma política industrial de longo prazo, que leve em conta a situação dos vários setores da economia que precisam de proteção tarifária e tratamento tributário diferenciados, além de financiamentos adequados", afirma o economista Luciano Coutinho, professor titular de Economia na Unicamp. Por outro lado os incentivos aos novos investimentos deveriam ser acompanhados de regras claras que imponham a geração de postos de trabalho. A simples elevação dos níveis salariais dos trabalhadores de menor renda permitiria a milhões de pessoas o acesso aos bens básicos, aumentando a necessidade de expansão industrial e gerando novos empregos.

Uma proposta que tramita no Congresso Nacional - com apoio de entidades empresariais, da Força Sindical e do próprio governo - prevê uma maior flexibilização das

É preciso criar uma política industrial de longo prazo que leve em conta a situação de setores necessitados de proteção tarifária e tratamento tributário diferenciado

relações de trabalho, com contratos temporários, redução dos encargos e do FGTS, como forma de gerar novos empregos. "Mas é preciso considerar que, ao contrário do que afirma o pensamento dominante, as relações de trabalho são muito flexíveis no país. Basta ver que, entre os assalariados, 40% não permanecem nem um ano no mesmo emprego", afirma Pochmann. Uma medida do gênero poderia até provocar o efeito contrário ao desejado pelo governo, como aconteceu na Argentina, onde os encargos foram reduzidos à metade e o desemprego mais que dobrou. Ou na Espanha, que hoje possui mais de 20% da população desempregada, apesar de ter criado vários tipos de contratos flexíveis de trabalho.

A Central Única dos Trabalhadores (CUT) defende a redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais e o fim das horas-extras para aumentar, de imediato, o número de empregos. Segundo um estudo do Dieese as horas-extras feitas em 1996 equivalem ao trabalho de 1 milhão e 450 mil pessoas. Por outro lado, a redução das horas semanais de trabalho resultaria em 1 milhão e 500 mil novas vagas.

Outra medida eficaz seria estabelecer uma efetiva política agrícola e acelerar a reforma agrária: além de assentar milhares de sem-terra, isso estancaria a nova onda de êxodo rural que está expulsando do campo os pequenos produtores que não dispõem de financiamentos e condições dignas de produção e sobrevivência. A formação de uma razoável cadeia agro-industrial, com os mesmos incentivos dados à indústria automobilística, por exemplo, pode transformar o setor primário no

A redução da jornada de trabalho e o fim das horas-extras já são adotadas nos países ricos para aumentar o emprego

maior gerador de empregos e de renda. Basta considerar que 40% do PIB nacional é formado por alimentos e produtos derivados da agropecuária.

(Cidade Nova, Ano XXXIX nº 5)

- @ Qual a situação atual de emprego-desemprego em nossa cidade?
- @ Quais as consequências do desemprego para a pessoa e a família?
- @ Quais as causas mais visíveis e menos percebidas desse desemprego estrutural, que toma conta do mundo?
- @ Que políticas poderiam mudar esse quadro? Que programas de geração de emprego poderiam ser criados na nossa cidade, se esse problema exista?



Bispos alemães criticam neoliberalismo. A necessidade de um maior envolvimento da Igreja em programas sociais e uma crítica severa ao neoliberalismo marcaram a primeira Assembléia Geral de 1997 da Conferência Episcopal Alemã. A Igreja daquele país se propõe a lutar em favor de uma divisão mais equilibrada dos custos sociais e das riquezas do país, bem como voltar-se preferencialmente para os mais fracos e dar mais atenção aos problemas sociais. Segundo os Bispos da Alemanha, um dos mais ricos países do mundo, o antigo e saudável equilíbrio entre a economia de mercado, com o justo lucro e a economia social, voltada para o bem comum da sociedade foi rompido pela radicalização do neoliberalismo. Prova disso, dizem os Bispos, é a contradição atual da situação do país, que possui uma das mais lucrativas economias do mundo mas, ao mesmo tempo, acumula um alto índice de desempregados que já chega a 5 milhões de pessoas. Escrevem os Bispos: "A economia não pode prescindir da responsabilidade social". (Boletim Notícias CNBB).

História de **CORDEL**

DE COMO CHICO
 FALEIRO VIROU
 POMPOSO DOUTOR!



CANSADO DA DUREZA
 DA VIDA DE PEDREIRO

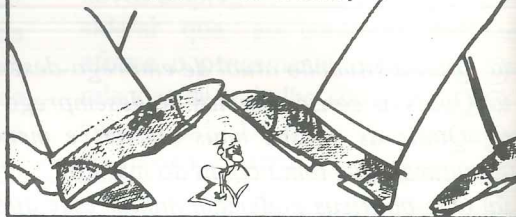


RESOLVEU FAZER MADUREZA
 O VELHO CHICO FALEIRO
 DECOROU LIÇÕES SEM MOLEZA
 NO LUGAR DO ALMOÇO SAGRADO



ASSIM, A RAIZ
 QUADRADA DOS
 CATEIOS DO VERTICE
 DO TRIÂNGULO
 ISOSCELES...

QUE HOMEM SOU EU SEM PREPARO?
 SEM CULTURA, SEM UM TÍTULO?
 E AÍ QUE EU ME CALO:
 SEM DIPLOMA NADA VALHO!



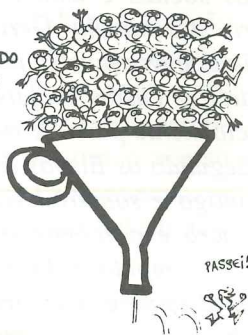
PEGOU A CANETA TINTEIRO
 LEVANDO NA ALMA CERTEZA
 LA FOI O CHICO FALEIRO
 PRAS PROVAS DO MADUREZA



PASSEI!



NUNCA TANTA FOME DE ESTUDO
 NO MUNDO INTEIRO SE VIU
 O CHICO FALEIRO RESOLUTO
 PRO DURO VESTIBULAR PARTIU



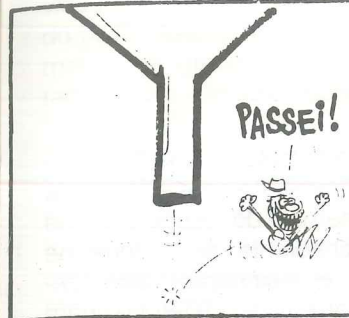
PASSEI!

NA ESCOLHA DA PROFISSÃO
 COM MUITO CARIINHO PENSOU
 E USANDO IMAGINAÇÃO
 UM TÍTULO ARQUITETO...



ARQUITETO!
 ARQUITETO DA MAIOR
 CHARME!

PASSEI!



ALELUIA! ALELUIA! ALELUIA!
 UM TÍTULO PRA ME REALIZAR!
 ALELUIA! ALELUIA! ALELUIA!
 UM CHUTE NO PATRÃO EU VOU DAR!



CUSP!



DOUTOR ARQUITETO, SÍM SENHOR
 UM DIPLOMA PRA ME GABAR
 UM ANO E MEIO SE PASSOU
 UM DESEMPREGO DE LASCAR!

PRA TRÁS NÃO PODE VOLTAR

GRRRRR



.PRA FRENTE NÃO HÁ LUGAR...

A FILA É ESTA MESMO!
 HÁ UM BOATO DE
 QUE O ARQUITETO
 QUE TRABALHA
 NESTA OBRA
 ESTÁ COM
 CÂNCER...



“Me engana que eu gosto”

É o que parecem pedir os que engolem distraídos as mensagens que gente esperta nos enfia goela abaixo vinte e quatro horas por dia pelos meios de comunicação social. Há leis que proíbem a “propaganda enganosa” e órgãos encarregados de aplicar essas leis. Mas não funcionam. Ou apenas se preocupam com as pequenas mentiras e esper-tezas do anunciante que exagera um pouco nas qualidades do seu produto. As grandes mentiras que escondem os grandes golpes contra o sacrificado bolso do povo, essas continuam intocáveis. Dá até para desconfiar que o próprio povo não quer que nelas se mexa: “Me engana que eu gosto” ... É o caso, por exemplo, dos sorteios pela TV, os baús, telesenas e papatudos que enriquecem seus inventores, engabelando os distraídos ouvintes com uma profusão de números sorteados enchendo a telinha, criando a expectativa ilusória de que “com tantos números vou acabar acertando”. Tudo criado para fazer o povo pensar exatamente assim. As velhas loterias, que pelo menos eram do governo e revertiam o lucro para o povo, sorteavam duas vezes por semana uns poucos números, desanimando os apostadores depois de algum tempo. Os donos das modernas loterias de TV descobriram que derramando muitos números, as chances dos apostadores diminuem mas todos acreditarão exatamente o contrário. Afinal, quantos brasileiros estudaram

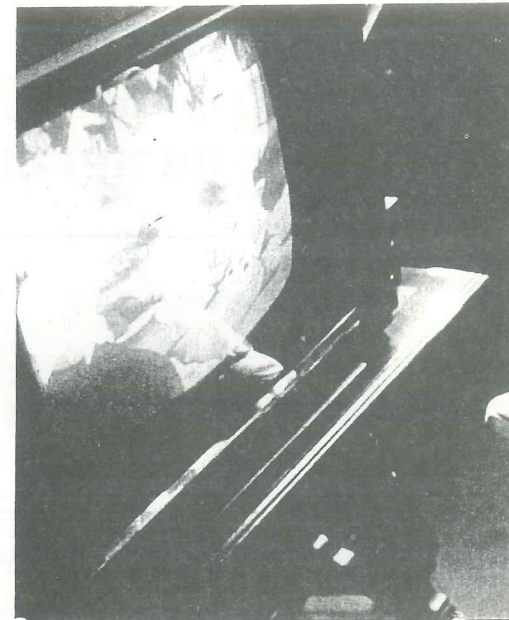
estatística e cálculo atuarial?

Outra invenção sensacional é a dos telefonemas do espectador de TV que, obediente às ordens de simpáticos e insinuantes apresentadores, correm ao telefone para opinar sobre o resultado do futebol, dar seu voto contra ou a favor do casamento dos homossexuais ou responder a alguma pergunta de resposta óbvia. Entre os tolos que telefonam será sorteado um carro novinho em folha. Insistem que ninguém está limitado a ser tolo uma só vez: podem dar quantos telefonemas quiserem... aumentando as suas chances. No canto da telinha a discreta informação de que cada chamada custará nada mais que três reais ao seu magnífico salário. É perfeitamente lícito suspeitarmos que esses três reais por chamada resultem numa arrecadação fantástica que dará para o dono da mutreta comprar uma frota inteira daqueles lindos carros. Quem fiscaliza isto? Duvidamos que haja seriedade nessa trama e na sua fiscalização. O povo que pagou se dá por satisfeito com o sorriso do feliz ganhador do carro, sorteado na semana seguinte, na mesma telinha. A arrecadação que daria para comprar uma frota vai naturalmente para alguma conta gorda.

Então o governo e suas empresas descobrem que propaganda enganosa funciona, apostando na distração e ingenuidade de tantos, e na incrível credibilidade dos meios de comunicação em geral e da TV em

especial. “E verdade! Deu na televisão!”... - é o que se ouve da boca do povo. Assim, surgem a cada momento os grandes engodos enfeitados com slogans bem bolados. Você, então, crédulo leitor, corre para tentar comprar sua sonhada linha telefônica por 300 reais ou vâ para pegar lugar na fila da Caixa Econômica que lhe vai assegurar a casa própria, agora com prestações muito menores.

Os sonhos duram pouco. Logo se revelam os truques. Não há linhas telefônicas disponíveis. Só as mesmas poucas, muito antes anunciadas, a serem sorteadas entre as centenas de milhares dos já inscritos, que deixarão de receber ações da empresa, agora valorizadas pela expectativa da privatização, e portanto pagarão somente o preço real da linha, se sorteados. Ou seja, tudo como dantes, com o rótulo enganoso da novidade alvissareira. Ou se descobre que os “novos” planos de financiamento da casa própria nada mais são que truques de matemática financeira, simples mudanças de regras de amortização, que criam a falsa impressão de facilidades (por exemplo, prestações mais baixas no princípio e muito mais elevadas à medida que o tempo passa) sem redução real dos custos dos financiamentos. Até porque não pode ser diferente, se



não se deseja a quebra de sistema e de seus agentes. Na verdade, o objetivo é tentar aquecer o mercado imobiliário que está em crise.

Temos o direito de reclamar com veemência o fim do assalto sem trégua ao bolso do povo (basta uma boa auditoria nas loterias e nos golpes do telefonema de três reais pela TV) e a transparência honesta na publicidade dos programas de governo, para que não se faça o povo de tolo com tanto despudor.



Leigos poderiam ser Cardeais: O Cardeal Giuseppe Casale, arcebispo de Forggia, Itália, acha que leigos deveriam poder ter acesso à posição de cardeal. No passado podiam e foram. Atualmente somente bispos podem, de acordo com o Direito Canônico. D. Casale acredita numa possível reforma nas leis da Igreja. Se isso acontecer, homens e mulheres leigos poderão participar da eleição do Papa.

"...quem sabe faz a hora, não espera acontecer".

A reforma agrária ou como fazer acontecer.

Equipe de Redação

Nem sociedade, nem governo tomam iniciativas de mudanças sem pressões irresistíveis. Especialmente se tais mudanças afetam a tranquilidade e segurança das classes dominantes. Não é um defeito nacional. O mundo é assim. A tentação mais comum é a do conservadorismo, da manutenção do status quo. Que nas classes oprimidas costuma descambar para o conformismo ou fatalismo paralisantes. Então, nada acontece, e a injustiça social reina absoluta e impassível.

Romper essa paz de cemitérios é possível. O Movimento dos Sem-Terra desencadeou um processo exemplar, que se aplica a todo tipo de transformação da sociedade orientada para a humanização de todos, o que corresponde ao projeto de Deus para o Homem e o mundo.

Os passos ficaram nítidos. O passo preliminar foi dado há décadas: o reconhecimento de que o problema existe e deve ser resolvido. Tanto que foi criado um órgão específico para a reforma agrária, que acabou elevado à categoria de Ministério. Vimos que não basta.

O passo seguinte demorou mas foi acontecendo aos poucos: invasões de terras, acampamentos precários de famílias em margens de estradas e em praças das cidades, conflitos esparsos, episódios impactantes localizados, foram criando o clima para que o problema fosse levado mais a sério. Também não bastava. Faltava um mínimo de organização para que surgisse um movimento popular mais articulado, com mais força para pressionar o governo e a sociedade. Entidades mais estruturadas ajudaram. Organismos das igrejas, como a CPT, algumas ONGs e partidos políticos se fizeram, a princípio, porta-vozes das multidões dos sem-terra e ajudaram a criar condições para o surgimento de lideranças próprias, até que se configurou um verdadeiro movimento popular, com crescente capacidade de coesão e mobilização, logo reconhecido como interlocutor credenciado para o confronto ou negociação com a classe política. Sua força se fundou na capacidade de promover invasões de terras em centenas de frentes de conflitos em todo o país. Sem essa



Os sem-terra se organizaram, conquistaram a opinião pública, mereceram a adesão e apoio das mais importantes organizações da sociedade civil e assim forçaram a inclusão da reforma agrária na agenda do governo, transformando-a em prioridade nacional sem retorno.

pressão efetiva, sua força de persuasão seria modesta.

Assim, a reforma agrária entrou firme na agenda do governo e tomou conta da mídia. Pesquisas indicavam o amplo apoio da população à reforma. Canais conflitivos de diálogo, meio constrangidos e forçados, foram estabelecidos entre o MST e o governo. Mas ainda não bastava. Faltavam ferramentas para fazer acontecer. As leis, manipuladas por bons advogados de proprietários de terras, conduziam a expulsões violentas, sofrimento e morte. A propriedade especulativa da terra improdutiva era tão vantajosa, quase livre de impostos, e as leis tão vulneráveis a recursos protelatórios que os resultados práticos de qualquer iniciativa política se tornavam quase nulos.

Nesse estágio do processo de transformação social, entram em cena os intelectuais que detêm o instrumental de saber, capaz de produzir soluções para os impasses.

No caso da reforma agrária, duas medidas apareciam, em meio a muitas outras, em propostas de diferentes organizações: o estabelecimento de um rito sumário para as desapropriações de terras improdutivas que anulasse as possibilidades de recursos protelatórios dos proprietários, permitindo a imediata ocupação e assentamento das famílias, e a taxaço tributária pesada (o ITR) sobre as propriedades improdutivas, para reduzir o seu valor especulativo e induzir à desapropriação ou mesmo a oferta espontânea de venda de terras em condições favoráveis para a

reforma agrária. Essas medidas eram propostas por parlamentares, pela CNBB, por organizações diversas (como o Movimento Familiar Cristão, em documento publicado nesta revista, há alguns meses).

O passo seguinte foi a negociação política, para neutralizar o poder dos proprietários de terras representados no passado pela perigosa UDR, recentemente revivida sem a mesma força, e pela chamada bancada ruralista, no Congresso Nacional, que vimos ser menos coesa e homogênea do que se pensava. Essa negociação parece ter sido bem conduzida, com algumas encenações coreográficas de endurecimento sobre as duas bandas do conflito de interesses. O fato é que as duas ferramentas essenciais da reforma agrária já estão em mãos do governo.

Mas, resta saber se vão ser usadas ou não. E com que extensão, disposição, agilidade e eficácia. Ora, volta ao MST o papel de induzir, forçar, acelerar os processos de desapropriação e imissão de posse das terras, sua correta

@ Que fundamentos bíblicos conhecemos para exigirmos uma verdadeira reforma agrária? Que influência podemos exercer nessa questão sobre parlamentares que conhecemos?



Câmara aprova Programa de Renda Mínima. Agora depende do Senado a aprovação do projeto de lei que cria o Programa de Renda Mínima Familiar e Promoção Sócio-Educativa a crianças e adolescentes em situação de risco social, inspirado no que já existe no Distrito Federal. Cada família receberá uma complementação de renda proporcional ao número de filhos entre 0 e 14 anos.

O rito sumário para as desapropriações e o aumento do imposto sobre terras improdutivas tornaram possível uma reforma agrária mais rápida

distribuição e a adoção de políticas de apoio indispensáveis, contidas nas propostas conhecidas, todas perfeitamente viáveis: financiamentos, treinamento, condições de escoamento da produção, apoio à organização de cooperativas agrícolas, infraestrutura de educação e saúde para os núcleos formados pelos assentamentos e outras medidas para uma verdadeira política agrária neste país.

Cabe às organizações comprometidas com a humanização estar a serviço desse movimento popular que um dia talvez seja reconhecido como estopim de uma profunda transformação da sociedade brasileira.

Uma experiência promissora para o campo

A Prefeitura de Cruzília, MG, criou, há três anos, um programa para atender a famílias de agricultores sem-terra que migraram para a cidade, despreparados para o limitado mercado de trabalho urbano, vivendo, portanto, em situação de extrema pobreza.

O programa oferece uma parceria entre a Prefeitura, o proprietário da fazenda, a EMATER e famílias representadas pelo Sindicato local dos trabalhadores rurais. O contrato estabelece as obrigações de cada parte: o proprietário cede 2 hectares de terra para cada família trabalhar; a Prefeitura ara o campo e fornece transporte para as famílias entre a cidade e a fazenda; o Sindicato fornece adubo e sementes; a EMATER dá orientação efetiva aos trabalhadores que, assim, aprendem novas técnicas agrícolas, aumentando a produtividade e qualidade dos produtos do seu trabalho; as famílias trabalham a terra com ampla liberdade, escolhendo o que cultivar e criar; em tempos de semeadura e colheita, a família toda se mobiliza.

O que cada família produz é repartido: 40% para a Prefeitura, que utiliza e consome tudo nas escolas e creches municipais; 10% são entregues aos donos da terra; 50% pertencem à família, que separa o

necessário à sua subsistência, e entrega o resto ao Sindicato; este comercializa a produção no mercado local, inclusive fornecendo à própria Prefeitura; com o produto das vendas, paga as contribuições dos trabalhadores para o INSS, reembolsa-se dos gastos com sementes e adubo, e distribui o saldo entre as famílias. Atualmente, esse rateio está em torno de 340 reais mensais por família, o que, para a realidade local, somados aos alimentos necessários à subsistência, significa escapar da miséria e da fome. Assim, todos os parceiros estão ganhando, e se mostram satisfeitos.

Nessa fazenda, estão trabalhando 35 famílias. É a única que até agora aderiu ao programa. Parece que as demais têm medo de perder o controle da propriedade, não acreditam muito em contratos. Mas as novas alíquotas do ITR - Imposto Territorial Rural, elevadíssimas para terras ociosas, e muito baixas para terras produtivas, deverão induzir proprietários rurais a aderirem a programas dessa natureza, capazes de garantir uma classificação favorável de suas terras, na taxaçoão do imposto.



Marginalização: fenômeno universal.

D. Helder Câmara

Quem já se viu à beira de uma estrada, com urgência de seguir e vendo passar carros, em grande velocidade, sem parar, tem condições de entender o drama dos marginalizados. Marginalizado é quem fica à margem da vida econômico-social e político-cultural de um país.

Poder-se-ia pensar que, nos países subdesenvolvidos, todos se nivelassem na pobreza ou até na miséria e nas condições subumanas de vida. Não é o que em geral acontece. O que geralmente se dá é o colonialismo interno: pequenos grupos de ricos do país, cuja riqueza é mantida à custa da miséria de milhões de concidadãos. Como acontece, quase sempre, que estes pequenos ricos locais ajudam os grandes ricos estrangeiros e são por eles ajudados, há quem chame os ricos dos países pobres de burguesia consular (alusão aos cônsules que, pertencendo ao país, representavam os dominadores, o Império).

Poder-se-ia imaginar que, nos países desenvolvidos, não houvesse marginalizados. Engano. Há, mesmo nos países mais ricos, camadas de pobreza. Áreas de marginalizados. Estrangeiros que chegam em busca de trabalho. Aposentados, pensionis-

tas, desempregados, subempregados.

A marginalização, em nossos dias, já não atinge apenas indivíduos ou grupos. Há países e até continentes que, de um modo geral, em bloco, estão marginalizados. É o chamado Terceiro Mundo. O desenvolvimento não pára, mas os países ricos se tornam cada vez mais ricos, e os pobres mais pobres. Aumenta a marginalização.

O problema ainda se revela mais complexo quando se leva em conta que a marginalização apresenta, pelo menos, três graus:

- no primeiro, fica-se à margem dos benefícios que decorrem do progresso econômico;

- no segundo, fica-se à margem da criatividade;

- no terceiro, fica-se à margem das decisões.

Não basta à criatura humana ser admitida aos benefícios e serviços decorrentes do progresso econômico. Sem participar conscientemente da criação da riqueza, discutindo o modelo de desenvolvimento, e sem participar das decisões, o que vier, o que for dado, ocorrerá na linha pater-

nalista e não passará de migalhas.

Ora, com o avanço da tecnologia, os governos são levados a utilizar-se de técnicos de primeira classe, muito bem remunerados e muito bem equipados. Eles e só eles apresentam aos governos estatísticas, levantamentos da realidade, modelos de desenvolvimento, metas, bases para a ação oficial.

Não falta quem sustente, tranquilamente, a impossibilidade prática de permitir que não-técnicos tumultuem planos indispensáveis ao desenvolvimento. Não falta quem pense na necessidade de governos fortes, que prescindam de Congressos ou os reduzam a órgãos homologadores; que controlem a Universidade, anulando a veleidade de jovens imaturos porem em risco os planos elaborados pelos técnicos que manejem os meios de comunicação social, de modo a tê-los como encorajadores da ação governamental e não como tumultuadores do trabalho oficial.

O homem, na véspera do século XXI, irá abrir mão da inteligência e liberdade? Irá permitir que pensem por ele e por ele decidam?

(Extraído de "O Deserto é Fértil")

Dos escritos de São Francisco de Assis :

"Onde há caridade e sabedoria, não há medo nem ignorância, Onde há paciência e humildade, não há ira nem perturbação, Onde à pobreza se une a alegria, não há cobiça nem avareza, Onde há paz e meditação, não há nervosismo nem dissipação, Onde o temor de Deus está guardando a casa, o inimigo não pode entrar, Onde há misericórdia, não há prodigalidade nem dureza de coração".

(Admoestações, 27)

A marginalização em nossos dias já não atinge apenas pessoas, famílias ou grupos, mas povos e nações inteiras são excluídos dos benefícios do progresso



Culto Ecumênico

Celebração ecumênica presidida por um sacerdote e um pastor, participando a Assembléia e dois Coros formados por 6 a 8 pessoas cada um.

Sacerdote:

"Criando o Homem, Deus se revelou a ele. Revelando-se ao Homem, Deus revela o Homem a si mesmo. Faz o Homem descobrir a sua identidade e sua função no mundo por Ele criado.

Pastor:

"E Deus disse: 'Façamos o Homem à nossa imagem e à nossa semelhança. Que ele domine sobre os peixes do mar, sobre os pássaros que voam nos céus, sobre os animais selvagens e os animais domesticados e sobre todos os animais que se arrastam na terra.

Coro 1:

Deus criou o Homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou e os criou homem e mulher.

Coro 2:

Deus os abençoou e lhes disse: Sêde fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a.

Coro 1:

Dominai sobre todos os peixes do mar, sobre os pássaros dos céus e sobre todos os animais que vivem na terra.

Coro 2:

Deus disse: Eu vos dou todas as ervas que têm sementes e que existem em toda a superfície da terra e todas as árvores que têm frutos carregados de sementes. Elas serão vosso alimento". (Gen 1, 26-29)

Assembléia:

"E Deus viu então tudo o que Ele havia feito e viu que tudo era bom, era tudo muito bom".



Coro 1:

Crescer significa tornar-se pessoa adulta responsável e consciente, criadora de seu próprio destino.

Coro 2:

Multiplicar significa não apenas gerar filhos mas somar esforços complementar-se uns com os outros unir-se em vista do bem comum.

Assembléia:

Dominar a terra significa cultivá-la, enriquecê-la, criar culturas, construir civilizações, torná-la mais fecunda, com o trabalho, a ciência e a técnica.

Pastor:

Mediante seu trabalho, o Homem deve tornar-se, cada vez mais, senhor da terra, consolidando seu domínio responsável sobre o mundo visível.

Sacerdote:

É essa a vocação de todos os homens, dos homens e mulheres de todas as gerações: submeter e dominar a terra, sendo, em sua vida, imagem de Deus. Todos e cada um, de modo infinitamente diverso, são chamados a dominar a terra, colocando-a a serviço de todos e de cada um.

Assembléia:

Não se trata do Homem abstrato mas do Homem real do Homem concreto e histórico de todo e qualquer homem e mulher.

Pastor:

Colocar a terra a serviço de todos e de cada um significa fazê-la servir ao bem comum.

Sacerdote e Pastor (juntos):

O homem tentou dominar a terra...

Coro 1:

... dominando os animais, tratando deles,

deles obtendo alimento e vestuário...

Coro 2:

... extraindo da terra os mais diversos recursos naturais...

Coro 1:

...cultivando a terra

Coro 2:

... reelaborando seus produtos, segundo suas necessidades.

Sacerdote e Pastor (juntos):

Dominar a terra significa dominar todo o mundo visível na medida em que ele se encontra dentro do alcance do Homem.

Assembléia:

Dominar a terra, também significa descobrir e utilizar todos os recursos escondidos que o mundo contém.

Sacerdote:

Desde o princípio, portanto, o Homem é chamado ao trabalho. O trabalho distingue o homem do resto das criaturas.

Pastor:

Somente o homem tem capacidade para o trabalho. Somente ele o realiza, preenchendo, com ele, sua existência sobre a terra.

Sacerdote:

É pois o trabalho uma realidade tão antiga quanto o Homem. Mediante o trabalho, o Homem não apenas transforma a natureza mas também se realiza a si mesmo. Num certo sentido, pelo trabalho ele se torna mais humano.

Coro 1:

Essa é a vocação de todos os homens de todas as mulheres que servem à sociedade.

Sacerdote e pastor (juntos):

O Homem participa, assim, por seu trabalho, na obra do Criador.

Pastor:

Continua progredindo, cada vez mais, na descoberta dos recursos e valores, contidos em tudo o que foi criado.

Sacerdote:

Esse progresso significa reconhecer Deus como criador de todas as coisas, orientando todo o universo para Ele, de modo que o nome de Deus seja glorificado em toda a terra.

Pastor:

No passado, o trabalho físico foi considerado indigno dos homens livres e reservado aos escravos.

Pastor e Sacerdote (juntos):

Então confundiram o domínio da terra com o domínio de outros homens.

Assembléia:

E o Homem se tornou o lobo do Homem.

Pastor:

Hoje, o Homem é tratado, como instrumento de produção, como as máquinas e ferramentas.

Sacerdote:

Mas o Homem não pode ser confundido com as ferramentas usadas no trabalho. O Homem é o sujeito do trabalho, consciente de sua missão de assim dominar a terra.

Assembléia:

O trabalho existe para o homem, não o homem para o trabalho.

Coro 1:

Não pode no trabalho, ser valorizada a matéria e desvalorizado o homem.

Coro 2:

A sociedade que queremos é aquela que pelo trabalho exalta a dignidade do homem.

Assembléia:

Hoje no mundo multidões incontáveis de homens e mulheres torturados pela fome permanecem excluídos dos benefícios do progresso.

Coro 1:

Ser excluído é não ter trabalho e salário justo, habitação digna e saúde.

Coro 2:

Ser privado da terra que pode cultivar para vencer a fome.

Assembléia:

Ser excluído é não poder livrar-se dessa opressão não ter voz e vez nem direito de protesto, nem poder de decidir seu presente e seu futuro.

Sacerdote e Pastor:

Rezemos ao Senhor:

Assembléia:

Perdoai-nos, Senhor, por havermos colaborado, por obras ou omissões, para a criação e permanência deste modelo de mundo, desigual e desumano. Abri nossos corações, para que possamos compreender vosso plano de salvação, a ele aderir, de modo concreto e vivencial a serviço de uma ordem nova, fruto da justiça e da paz' da solidariedade e do amor.

Pastor:

Deus se manifesta mais completamente ao homem através do Seu próprio Filho, que se fez nosso irmão. Cristo entre nós dá sentido pleno à história humana, como tempo de realização do desígnio salvador de Deus.

Assembléia:

"Deus amou tanto o mundo que lhe deu Seu único Filho".

Sacerdote:

Cristo anuncia o Reino de Deus. Este anúncio é o centro da sua mensagem, a boa notícia, o evangelho.

Pastor:

Assim é anunciado o Reino: "Acontece com o Reino de Deus o que acontece

com um homem que lança a semente na terra. Se ele dormir ou se ele despertar, de noite ou de dia, a semente continuará a brotar, sem ele saber como. Por si mesma a terra produz primeiro o caule, depois a espiga, depois o cacho de trigo, na espiga. E quando o fruto está maduro ele logo o colhe, porque é chegado o tempo da colheita".

Sacerdote:

E Jesus dizia: "Com que compararemos o Reino de Deus? Ele é como o grão de mostarda que, quando semeado é a menor das sementes. Ao brotar, cresce e se torna a maior das plantas; seus galhos são tão grandes que em sua sombra de abrigam os pássaros dos céus".

Pastor:

E diz mais: "Procurai primeiro o Reino de Deus e sua justiça e tudo o mais vos será dado por acréscimo".

Assembléia:

Assim sendo, só o Reino é absoluto.

E se torna relativo o que não se refere ao Reino.

Coro 1:

No centro do Reino está a salvação prometida pelo Senhor.

Coro 2:

Salvação, dom de Deus,

é libertação plena de tudo que oprime o Homem.

Sacerdote:

Libertação da miséria, da fome, da ignorância, da doença, do desemprego, do medo do futuro, da angústia, das estruturas injustas e desumanizantes,

Assembléia:

Libertação que permita a todos e cada um viver com dignidade, realizar sua vocação, construir sua identidade, constituir uma família, ser sujeito da sua história, relacionar-se com alegria consigo mesmo, com os outros, com a natureza, com Deus.

Sacerdote e Pastor:

Que o Senhor nos conceda, a todos e cada um, seus dons e sua bênção, para que sejamos capazes de aderir ao seu projeto, e se faça a sua vontade, o Reino de justiça e amor, aqui na terra, como já prometido, em plenitude no céu.

Assembléia:

Assim seja! Amém!

(Extraído de texto de Beatriz Reis)



Sobre passarinhos: "Nunca entendi por que os pássaros são considerados símbolos de liberdade, de alegria e da vida que se quer. Não conheço um passarinho que não seja nervoso, que não viva com um ar de pânico permanente. Aquele ar de quem sempre está esperando o pior de tudo o que o cerca. Ainda não vi um passarinho saboreando o que come, ou espichado num galho, pegando um solzinho. Passarinho está sempre ocupado, sempre preocupado e sempre de passagem para outro lugar. Deve ser o bicho mais estressado que existe". (Luiz Fernando Veríssimo).

"Causa mortis"

Editorial

Os brasileiros estão morrendo cedo, bem antes do prazo estipulado pela natureza. As "causas mortis" são os acidentes de trânsito, os acidentes de trabalho, a falta de atendimento médico e a infecção hospitalar. Além dos que morrem de fome, balas perdidas, assaltos e conflitos de terra. Não serão menos de um milhão de mortes antecipadas por ano! Não vamos contar os que escapam da morte mas ficam inválidos.

Os números são alarmantes. E pouco se faz para reverter esse extermínio anual. Governo e povo parecem insensíveis a essas estatísticas, por terem se tornado rotina as notícias dessas mortes anunciadas. É preciso que, em acidentes, morram ou fiquem mutilados atletas, como as jovens do Flamengo, ou personagens famosos para que a mídia registre a tragédia. Ou mereçam destaque as chacinas e acidentes que impressionam pelo número de vítimas ou a brutalidade esbanjada. As mortes violentas ou acidentais rotineiras passam despercebidas.

De fato, são mortes anunciadas. Já se sabe, por exemplo, que neste ano vão morrer 50 mil brasileiros em acidentes nas estradas do país. Os que estão condenados antecipadamente a essa morte anunciada não sabem que lhes cabe garantir essa previsão macabra. Sempre pensam que os mortos serão os outros,

coitados! Por isso continuarão voando a mais de 100 km/h nas estradas mal conservadas e muito mais nas bem conservadas. Mesmo sabendo que o excesso de velocidade é a principal "causa mortis" nas rodovias brasileiras. O engenheiro responsável pela Via Dutra declara, desalentado, que as melhorias feitas na estrada incentivaram os abusos de velocidade e conseqüente aumento dos acidentes causados por esse tipo de imprudência criminosa.

Mas há outra "causa mortis" cada vez mais freqüente: é o "Pervitin" que os caminhoneiros tomam para não dormir no volante e poderem dirigir suas carretas durante 16 ou 20 horas por dia. Às vezes o remédio falha, a máquina enlouquece, atravessa a pista e vai bater de frente no ônibus ou carros dos que devem confirmar aquelas estatísticas dolorosas. Ora, o "Pervitin" tem a ver com a baixa remuneração por viagem realizada, contratada com o caminhoneiro. Precisando ganhar o necessário para sustentar a família, ele terá que fazer mais viagens por mês, dirigir mais horas por dia, morrer e matar para cumprir as estatísticas.

Assim, no caso, a verdadeira "causa mortis" é mesmo a exploração do trabalho humano pela remuneração indigna imposta pelo mercado, uma das marcas do modelo competitivo de sociedade que se vai impondo.

Os acidentes de trabalho são outro escândalo. A culpa é normalmente atribuída à imprudência do acidentado e ganha, no máximo, sentidos votos de pêsames à família, e alguma modesta pensão à viúva. Entretanto, nem sempre se trata de imprudência. Uma prova inesperada foi a redução do número de acidentes em obras e fábricas do Rio de Janeiro a partir da lei que obrigou o patrão a fornecer *uma média e pão com manteiga* ao operário que se apresenta no local de trabalho 15 minutos antes do início do expediente. A instigante constatação de que com menos fome há menos acidentes de trabalho é mais eloqüente que mil discursos sobre as injustiças sociais que infelizmente não parecem ser enfrentadas. Por outro lado, a burla habitual às normas legais de segurança do trabalho raramente resulta em punição para quem joga irresponsavelmente com as vidas dos outros.

Quanto à saúde do povo, vai mal, muito mal. Morre-se muito por falta de atendimento minimamente razoável nos hospitais, ou de dinheiro para comprar o remédio receitado. Se nessa sociedade mercantilista o ser humano recebesse alguma cotação nas bolsas de valores ou de "commodities", ainda que considerado mercadoria com muita oferta e pouca procura, certamente se chegaria a entender que investimentos em saúde são rentáveis, com baixo custo/benefício, para usar o linguajar dos

Por trás dessas mortes anunciadas há uma perversa cultura de violência e desprezo pela vida

economistas neoliberais. No tempo da escravidão, pelo menos, essa consideração era levada a sério...

Mas, insistindo no que há algum tempo buscamos, é preciso apurar a veracidade ou não da notícia de 300 mil mortes anuais por infecção hospitalar, ou seja, enfermidade adquirida dentro do hospital por doentes que lá foram para tratar-se de enfermidades que não matam. É outra "causa mortis" inaceitável, uma espécie de homicídio culposo por imprudência ou omissão que, como as demais, reclama medidas efetivas e urgentes, mesmo que os números confirmados sejam menos espantosos.

Por trás de todas essas omissões, vale sempre recordar, está a mesma insensibilidade e desvalorização da vida, a mesma cultura de violência e morte que produz matanças nas lutas pela terra ou chacinas contratadas nas disputas pelos lucros das drogas e da contravenção, com suas balas perdidas.

Afinal, não há muita diferença entre dirigir em alta velocidade ou dar um tiro em vítima indefesa. Diferentes são apenas as motivações e as armas utilizadas.

@ Percebemos sinais dessa cultura de morte e violência na nossa cidade?

@ Quais as causas? O que podemos fazer para atenuá-las?

Os meninos se matam

Gustavo Corção
Escritor

A Carlos Drummond de Andrade, 1956.

O moço que se matou, dizendo por escrito que era um “desajustado social”, na verdade matou-se porque se deixou convencer de que não existe na vida e no mundo lugar para a dor. Matou-se porque lhe disseram, com esse vocábulo *desajustado*, e com a filosofia maldita que por trás dele se esconde, que o mundo não concede matrícula aos que choram. Insinuaram-lhe que tudo se reajusta, e acrescentaram que só depois dessa reajustagem pode uma alma se inserir. Ora, o moço viu que a primeira parte da história era falsa, porque nem tudo se reajusta, mas continuou a crer na segunda. E então suicidou-se. Suicidou-se porque era um desajustado. Suicidou-se porque era uma excrescência na criação. Uma verruga do universo.

Ah! como eu queria gritar aos ouvidos dos moços que há no mundo e na vida lugar para a dor!

É claro que existe o problema da inserção. Ninguém nega que o dinamismo iníquo da sociedade tende a deixar à margem os fracos, os tímidos, os perturbados. Ninguém nega que o homem deve aprender a se inserir na efervescente

convivência e deva lutar pela defesa do seu lugar. Tudo isso existe, e já é bastante trágico para que ainda venham dilatar o campo do problema com essa idéia infernal de que só os felizes estão inseridos e que todas as tristezas são sinais de excomunhão.

Moços! há na vida e no mundo lugar, um enorme lugar para a dor. Há lugar para o pobre, para o doente, o obscuro, o aleijado, o perseguido.

Li o artigo de Drummond sobre outro menino, apaixonado de um dia, que teve pressa de matar-se. Li, e creio ter compreendido a pungente aflição daquela enorme alma de poeta quando lhe passa pela mente que o menino poderia salvar-se se alguém, naquelas poucas horas de um prelúdio de dor, o tomasse pela mão e o levasse à praia, e risse com ele nas espumas do mar. Raramente senti tamanha afinidade, tamanha simpatia, como nesse artigo escrito ele todo com um nó na garganta. E lido, ele todo, no outro lado da cidade, em outra situação, em outros sentimentos, mas com o mesmo fundamental nó na garganta. Mas discordo do poeta no remédio.

Talvez desse bom resultado o mergulho na onda fria que lhe desatasse no peito as molas da infância. Mas, cá fora, ali mesmo na praia, estava a Teoria à espera do menino. A teoria de que não há, no mundo e na vida, lugar para a dor. A Teoria que deseja imolar os moços de vinte anos é a do implacável otimismo que exige para a vida, para o ingresso na vida, condições higiênicas e psicotécnicas mais rigorosas do que as que se exigem para os aviadores. A Teoria diz ao moço que vá tratar-se e volte depois se quer emprego no mundo. A Teoria dá um prazo para que o candidato se torne decentemente feliz. Feliz no sexo, feliz nos nervos, feliz em tudo. Decentemente feliz.

Bem sei que há desesperos precoces que ignoram as coisas boas de que a vida é farta. Será bom dizer-lhes que existem muitos amores, que haverá muitas, muitíssimas outras mocinhas a serem amadas; que o céu é azul, que há prados cheios de flores, e que é bom mergulhar na onda fria, com os olhos abertos, para ver um mundo novo, fundido em esmeralda; que é bom deitar na grama, que é bom meter o pé num estribo, em manhãzinha brumosa, manhã de roça, sentindo o cheiro do couro e o cheiro forte do cavalo; que é bom andar de mãos dadas em ruas de bairro antigo ao cair da noite confidencial e casamenteira;

É perversa a teoria de que não há no mundo e na vida lugar para a dor.

que é bom pisar no tombadilho molhado e sonhar com cidades de lenda; e que é bom ficar à toa, numa varanda domingueira, seguindo os passos de um inseto de rubis e safiras, que passeia num velho muro a sua microscópica riqueza; que é bom respirar, que é bom viver.

Mas não basta, ó poeta, mostrar às almas aflitas a doçura das relvas, a frescura das ondas e a ternura dos regaços de amor. Porque isto não é toda a verdade da vida. E é preciso ser verdadeiro. É preciso, sempre, ser verdadeiro. Em toda a extensão. Em toda a profundidade. Nos dois hemisférios de luz e sombras da verdade.

O que preciso dizer a esses moços que por tão pouco desesperam, é que existe uma dignidade no centro mesmo da dor; que a dor não excomunga; que a dor já foi santificada para que possa santificar. O que é preciso, ó poeta de alma grande, é abrir velas ao mar e descobrir a verdadeira extensão do mundo e da vida.

Ah! essa história maravilhosa, que a mim contaram, como eu gostaria de lhe contar, longamente! longamente!

@ Como as pessoas e famílias encaram e enfrentam o problema da dor?

@ Como integrar na vida e no mundo os que se consideram desajustados?

Eucaristia, ecumenismo, justiça

João Baptista Herkenhoff
Professor, escritor

Não sou teólogo e é com certo temor que me aventuro por reflexões que se localizam no campo da teologia.

Mas no clima formado durante o Congresso Eucarístico Nacional celebrado na minha própria cidade de Vitória, senti-me tentado a refletir teologicamente e a expor publicamente essas reflexões.

Durante muito tempo, a Eucaristia foi ponto de desunião e divergência entre as Igrejas cristãs.

Somente a Igreja Católica, segundo seu entendimento, detinha a Eucaristia. Somente um sacerdote católico poderia presidir à celebração eucarística.

Não me parece que a matéria possa ter interpretação tão rígida. A letra mata, o espírito vivifica, ensinou São Paulo. Toda hermenêutica literal é de má qualidade. Digo isso, de cadeira, no campo da ciência do Direito. Parece-me que a rejeição da literalidade também se ajusta ao domínio teológico.

Creio que a promessa de Jesus Cristo, na última Ceia, não pode, de forma alguma, encerrar-se nos arraiais da fé católica.

Onde se celebre a Ceia, em memória do Ressuscitado, na comu-

nhão de irmãos, na Esperança do advento do Reino definitivo e na luta pelo Reino da Justiça aqui neste mundo, ali se repete a Ceia do Senhor, ali se tem Eucaristia.

Nestes tempos de ecumenismo, quando todos os cristãos devem dar as mãos para construir um mundo mais humano, a Eucaristia não pode dividir. O Cristo pediu a unidade, o Cristo é a unidade.

Para mais além do domínio cristão, creio que celebram a memória do Crucificado, mesmo sem pronunciar o Seu Nome, todas aquelas mulheres e aqueles homens que lutam pela Verdade, que abominam as exclusões e as discriminações, que procuram construir a Fraternidade.

Na minha modesta visão de operário do Direito, que se sente atraído, como leigo, pela reflexão teológica, Eucaristia e Justiça são valores inseparáveis. Comunga o Senhor Jesus quem comunga o irmão, quem socorre o fraco, quem enfrenta a onipotência do opressor, quem se solidariza com o oprimido.

Jesus Cristo pode estar em toda parte. Mas Jesus Cristo, ao que me parece, está sobretudo no meio dos operários, nas favelas, nos hospi-

tais, nas prisões. Ali onde estão os pequeninos, ali está o Cristo Libertador, como anúncio de Esperança, como consolo dos aflitos, como auxílio dos que sofrem.

A Eucaristia, numa digressão pessoal, relembra minha infância e a figura da minha mãe. Foi dela que aprendi a lição eucarística. Foi na nossa casa, que ela abriu generosamente aos pobres e a todos que precisavam da sua palavra e de seu afeto, que eu vivenciei Fé como Vida.

Foi com um preso que se chamava Sebastião, e que rachava lenha em nossa casa para ganhar um dinheirinho, foi com Sebastião que eu aprendi a respeitar o preso, a ver no preso um irmão. Isto me custou dificuldades e problemas pelos caminhos da vida, quando exerci a função de juiz. Nem todos admitiam que um juiz pensasse assim.

O livro do Deuteronômio, um dos mais belos do Velho Testamento, contém este preceito:

"Buscarás a Justiça, unicamente a Justiça, para que possas viver".

@ Como entendemos e vivenciamos a Eucaristia em nossas vidas?

@ O que significa comungar? Em que situações de nossas vidas podemos dizer que comungamos verdadeiramente?



"A democracia é o pior dos regimes, com exceção apenas de todos os outros". (Winston Churchill).

Justiça e Eucaristia são valores inseparáveis: comunga com o Senhor Jesus quem socorre o fraco e comunga com o irmão

O rabino Henry Sobel, interpretando essa passagem bíblica, realçou o significado do verbo buscar. Buscarás a Justiça e não apenas aprovarás ou aplaudirás a Justiça - este é o conselho do profeta.

Na segunda parte do texto vem a conclusão: "... para que possas viver".

A Justiça é uma questão de sobrevivência. Só uma sociedade justa é digna de sobrevivência.

Congressos Eucarísticos são passos nessa caminhada de um povo. Reforçam o sentido de compromisso, a idéia de missão e a consciência de que o Reino, por Jesus Cristo anunciado, somos nós que temos de construir, pugnando pela Fraternidade, vivendo e morrendo pela Justiça.

Metodologia participativa?

Pe. Paulo Tonucci

Ex-Assistente Nacional do MFC

Falamos muito de metodologia participativa e às vezes receio que estejamos criando um mito, pois tudo é considerado metodologia participativa.

Esta reflexão não pretende chegar a uma definição mas provocar uma discussão sobre o assunto.

Não se trata de uma nova técnica.

A metodologia participativa não é uma nova técnica para apresentar *melhor* nossas verdades, e sim um caminho espiritual que surge da meditação da Bíblia. *"Quanto a vocês, nunca se deixem chamar de mestres, porque um só é o Mestre, e todos vocês são irmãos"* (Mt 23,8).

A verdade está em Cristo. Todos buscamos a verdade e somos servidores dela... mas não sabemos aonde a Palavra nos conduzirá...

Ao iniciar uma reunião, é impossível prever aonde chegaremos, porque Deus atua de maneira diferente da nossa.

Em Gen 32, há um episódio estranho. Jacó luta com um homem durante toda a noite e, no fim, quando aparece a aurora, ele se dá conta que havia lutado com Deus e declara: *"Eu vi a Deus cara a cara e continuei vivo"*.

No Ato dos Apóstolos se apresenta a comunidade de Antioquia reunida em oração quando o Espírito Santo diz: *"Separe Barnabé e Saulo, para que façam o trabalho para o qual eu os chamei"* (At 13,2).

É interessante notar que esses homens não têm planos pre-estabelecidos, simplesmente confiam em Deus...

Tenho a impressão de que, para muitos, a metodologia participativa é mais uma técnica para transmitir uma mensagem com maior facilidade. *"Eu sei o que devo dizer, mas não fica bem transmiti-lo de maneira autoritária. Tenho um recado nas mãos, mas não é bom entregá-lo assim. Então vamos embrulhá-lo em bonito papel de presente, para que seja bem recebido"*.

Nada disso é metodologia participativa.

Todos têm algo a partilhar

A metodologia participativa parte de um pressuposto: cada pessoa tem conhecimentos, tem cultura, tem riquezas, tem algo a partilhar.

Se queremos que cada um se expresse, não é para ganhar sua simpatia e conseguir que preste

atenção ao que nós, "os sábios", vamos lhes dizer. O que queremos é enriquecer-nos com a sabedoria dos outros.

Como cristãos, cremos que, quando pessoas se reúnem, o Espírito Santo está presente e, sem dúvida, se consegue produzir muito mais do que quando se está só.

É evidente que, entre as pessoas que se reúnem, há aquelas que têm uma maior preparação, experiência e facilidade para se comunicar, e isso é importante. Mas nunca deveríamos nos esquecer de que todas têm experiência, todas têm algum conhecimento, ainda que nem todas tenham a mesma facilidade de manifestar o que possuem. Muitas vezes, os que têm maior riqueza a partilhar são os mais tímidos.

Infelizmente, queremos resultados imediatos e, então, nos apressamos, forçamos o tempo e, como resultado, conseguimos liderados e não líderes. Na melhor das hipóteses, teremos pessoas formadas à nossa imagem e semelhança, pessoas que nunca se tornarão líderes mas, sim, dependentes de nós. É interessante notar como na política, na Igreja (também no MFC?) existem "monstros sagrados", as pessoas que se creem indispensáveis (enquanto Jesus nos recorda que somos servos inúteis). E aqui surge a pergunta: essas pessoas são verdadeiramente indispensáveis ou são pessoas que não permitem que os outros se manifestem, apareçam, apresentem seus dons e carismas?

Muitas vezes parece ser



A metodologia participativa parte do pressuposto de que cada pessoa tem conhecimentos, tem cultura, tem riquezas, tem algo a partilhar

mais respeitoso com os demais o fato de alguém (o líder) assumir sempre a liderança... porque existe uma tradição de dependência. As pessoas, em sua maioria, não querem arriscar-se, não querem ousar, não querem decidir, não querem assumir.

Na Igreja, está o padre, o bispo e o papa que decidem e, então, basta obedecer... No bairro, na política, está o líder, e não cometemos erros porque obedecemos.

O que devemos lamentar não é o fato de algumas pessoas

ficarem passivas, mas sim que nossos encontros sejam mais pobres porque falta a colaboração dos demais, e do Espírito Santo.

Quando se fala dessas coisas, pode surgir uma dúvida: deste modo, não existe o perigo de nossas reuniões se tornarem terrivelmente repetitivas e pouco interessantes? Claro que isso pode acontecer, mas deveríamos pensar que:

- os participantes das reuniões vivem sua vida de trabalho, de família, de vizinhança, de Igreja, de maneira diferente, uns dos outros. Na medida em que se acostumam a prestar atenção aos problemas que emergem, na medida em que percebem "os sinais dos tempos", na medida em que, como Maria, re-filitam sobre as coisas que ocorrem, sempre haverá problemas, novas descobertas para compartilhar e aprofundar;

- além disso, o Movimento incentivará todos para a leitura, a participação em cursos ou palestras para aprofundamento da própria fé, para descobrirem as exigências evangélicas na vida familiar, no trabalho, na política, no sindicato, no condomínio, etc.

A partir desta discussão, poderíamos nos perguntar: usamos a metodologia participativa? Os que participam dos nossos encontros são bons ouvintes ou bons participantes? Temos muitos liderados ou muitos que caminham com os próprios pés?

Nossa preocupação é que o nosso seja um movimento que se reúne com frequência, que tem

Equilibrar os momentos de "participação", e os momentos de "cursos", quando alguém que se especializou se coloca a serviço dos demais

muitos cursos (e bonitos), ou um movimento que forma pessoas para assumirem o seu cristianismo e, portanto, o Reino de Deus?

Assumir a construção do Reino

Então, devemos equilibrar, nas reuniões, os momentos de "participação", quando todos se enriquecem mutuamente, e os momentos de "cursos", quando alguém que se especializou em algum tema se coloca ao serviço dos que não são especializados. É importante recordar, entretanto, que não existe ninguém que não tenha algo a dar aos demais.

"Se o educador é aquele que sabe, se os alunos são aqueles que não sabem nada, cabe ao primeiro dar, entregar, transmitir, transferir o seu saber aos segundos. E este saber não é a 'experiência vivida', mas sim a experiência narrada ou transmitida. Não é de surpreender, então, que nesta visão 'bancária' da educação, os homens sejam considerados como seres destinados a adaptar-se, a ajustar-se. Quanto mais os alunos se empen-

hem em arquivar os 'depósitos' que lhes são entregues, tanto menos eles desenvolvem, em si, a consciência crítica que lhes permitiria inserir-se no mundo como agentes de transformação, como sujeitos. Quanto mais se lhes impõe a passividade, tanto mais, de maneira primária, em vez de transformar o mundo, eles tendem a adaptar-se à

realidade fragmentada contida nos 'depósitos recebidos'. Assim, de tanto fazer a experiência da desigualdade e o aprendizado da dependência, acabamos por perder a nossa capacidade de trabalhar, de criar, de viver em comunidade. Acabamos por perder nossa visão crítica da realidade, nosso poder de imaginar e de construir alternativas".



Os graves riscos da globalização neoliberal. A chamada "globalização neoliberal", ao invés de estender benefícios para todos os países, está apenas aumentando o poder dos ricos e reduzindo as oportunidades para países como o Brasil. O modelo baseado na utopia neoliberal como reguladora absoluta do mercado demonstra sua ineficácia quando confrontado com os indicadores da crescente miséria no mundo, onde 800 milhões de pessoas passam fome todos os dias e 500 milhões de crianças não recebem alimentação mínima para garantir seu desenvolvimento físico e mental. Esses dados são do Banco Mundial, que adverte agora os países "emergentes" sobre o risco de grave instabilidade política decorrente do choque liberal adotado - aliás incentivado pelo próprio Banco...

Leia e assine

Rede

Uma análise confiável dos acontecimentos mais importantes do mês.

Articelistas e Conselho Editorial: Giselda Pereira, Guilherme Delgado, Guilherme Salgado Rocha, Helio e Selma Amorim, Jether Ramalho, João Wittaker Ferreira, Frei João Xerri, Jorge Atilio Iulianelli, Lilia Azevedo, Maria Helena Arrochellas, Marieta Sampaio, Marta Azevedo, Plínio de Arruda Sampaio, Stela S.W. Ferreira

Assinaturas: cheque de R\$ 12,00 nominal a SBI/REDE, enviado ao Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade - Rua Mosela 289 - CEP 25675-010 Petrópolis - RJ, com seu nome, endereço completo e telefone. Informações pelo telefone/fax (0242) 426433.



Argumentos é que não faltam

Milton Schwantes

Propõe-se por aí: pena de morte - esta seria a solução. Discute-se, às vezes mais, às vezes menos. Depende dos interesses de quem fabrica os noticiários. É como se estivéssemos submetidos a ondas. Vão e voltam. É como se quisessem submeter-nos a suas ilusões.

Não lhes faltam argumentos. Punições exemplares conteriam a ação dos criminosos, é o que dizem. Ou também apontam para a justiça que requereria pena capital para quem a outros houvesse assassinado. Outros mais vão por caminhos mais diretos, mais descarados: não querem sustentar presídios. Dizem que lhes doem os impostos gastos em manter cadeias.

E outros tantos são os argumentos que expõem. São simplórios, são broncos. Mas outros são refinados, dignos de honorários advocatícios. De todo modo, argumentos é que não lhes faltam.

E alguma vez faltaram argumentos para que se fosse matando? Aos porões de tortura

dos anos setenta faltaram argumentos? O extermínio de crianças carece de justificativa? Pelo que se saiba, tais agentes da morte vêm respaldados de verdadeiros aparatos de argumentos.

Ou a algum exército teriam faltado razões para mandar-nos à guerra? Pelo que consta, até hoje, todas as guerras foram "justas". Bem municiadas com lógicas razões. É óbvio que quem perdesse fosse difamado em seus argumentos.

Esteja certo: argumentos não faltarão a quem anseia penalizar com morte.

Por isso nós, pela Bíblia, de saída partimos de outra posição. Repito: pela Bíblia vamos pelo oposto. Ora, justamente a Bíblia, que, por séculos, espelha a vida do povo de Deus, conhece centenas de experiências com pena de morte. Em seu caminho, chegou a aprovar algumas. Critica outras. Mas, enfim, na experiência de Jesus, eliminaria a morte de outros de nosso horizonte. É impossível ler a história do processo contra



Jesus, de sua condenação e execução, sem ser arrebatado pela certeza: a morte está vencida! Causar ou apoiar a morte de outra pessoa - e seja ela um assassino - é negar a

alma de Jesus.

É daí que partimos: a pena de morte é irreconciliável com a fé no Messias Jesus. Argumento nenhum pode desmentí-lo.

@ O que pensamos da pena de morte? Como nos posicionamos diante dos projetos de lei que costumam surgir no Congresso?

@ Como analisar a questão pela ótica da fé cristã?

@ A Igreja tem posição clara a respeito?

Exploração sexual, uma ferida social

Antonio Mourão Cavalcante
Médico e antropólogo

Por que uma menina de dez anos ou mesmo com idade mais baixa tem que expor e vender seu frágil corpo para poder viver? Por que os gringos vêm aqui atrás de experiências sexuais tão doentias? O que leva uma menina a querer viver uma aventura tão perigosa de viajar e "se casar" com um estrangeiro?

Os relatos insistem que estes episódios estão aumentando e fazem parte do cotidiano das grandes cidades do Brasil. Os movimentos de apoio a estas crianças mostram estatísticas e relatos extraordinariamente cruéis.

Recentemente foi realizado, em Brasília, o Seminário Contra a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes nas Américas (16-20/4/96). Mais uma vez o tema foi abordado.

Nessas ocasiões alguns aspectos são sempre destacados. Primeiro, a dimensão sócio-econômica. Na medida em que se aprofundam as desigualdades sociais, em que a concentração de riqueza se torna tão gritante, mais aguda se torna a questão. As crianças, em busca de alguns trocados, podem rapidamente chegar à venda do próprio corpo. Já foi exaustivamente provado que estas crianças são

filhas dessa multidão de deserdados do campo que diariamente vem engrossar o exército dos marginalizados. Os mesmos temas de sempre: desemprego, migração, reforma agrária, habitação, educação, saúde.

Como a questão da prostituição é uma ferida muito dolorosa, difícil de ser assumida, elegemos um culpado. Todas as mazelas são atribuídas aos gringos. Eles chegam aqui e corrompem todas as garotas. Obviamente que há nessa explicação muito exagero. Existe o sexo-turismo, sem dúvida. Mas há, junto com ele, toda a convivência das autoridades policiais e uma intensa rede de gente adulta e local que tira muito proveito da coisa. Todos esses marginais continuam impunes apesar de serem repetidas as denúncias sobre o assunto e serem muito abertas as formas como agem nesse comércio. Só as autoridades não querem enxergar.

Mas, se pretendemos fazer uma análise mais aprofundada, devemos incluir, outros elementos essenciais na compreensão desse jogo de exploração e crime.

Devemos destacar o papel da família. Ameaçada de todas as formas, sem qualquer apoio social,

essas famílias— consideradas de ricos — não têm conseguido assegurar o papel que lhes cabe: ser a instância de proteção e crescimento das crianças. Muitos pais, desesperados pela situação de dificuldades, "aceitam" que seus filhos e particularmente as meninas saiam mendigando e se expondo aos maiores riscos da cidade. Vulneráveis, sem assistência, elas vão ser vítimas de tudo que encontram pela frente.

Colocamos o dedo na ferida principal: não existe um sistema educacional que preste. A escola pública tem fracassado. Uma lástima. Não consegue guardar essas crianças, oferecendo programas saudáveis e que favoreçam o crescimento. A grande prevenção para tudo que atinge a juventude é a escola. Uma escola de qualidade. Com merenda escolar, com apoio psico-pedagógico. Nos bairros pobres deveriam estar as melhores escolas da cidade. O que vemos é o contrário. Desamparadas, desprotegidas, elas vão correr em busca de comida e aventuras. A melhor prevenção é a escola.

Igualmente, devemos confessar que o grande palco, hoje, das desventuras sexuais e da violência, se situa no próprio lar. Isto é, a exploração sexual começa em casa, onde, não raro, pais, padrastos ou irmãos mais velhos tentam agredir, seviciar e estuprar os menores. Impera uma violência surda, mortífera, que não raro, é camuflada ou negada pela família. Impera o silêncio, fruto do medo. Ainda aqui, o braço da sociedade é

Adolescentes que vendem seu corpo são filhos e filhas dessa multidão de deserdados, vítimas do desemprego, das migrações forçadas, da miséria e da fome.

conivente ou hipócrita. Faz de conta que não sabe. É, muitas vezes, nesses lares destruídos que começa a desesperada via crucis dessas crianças, fruto da ignorância, da promiscuidade e da miséria. Não suportando esse clima de terror, fogem para a rua.

De modo que discutir a questão da exploração sexual da criança e do adolescente passa necessariamente pela compreensão de como vive hoje a população brasileira. Nada acontece por acaso, nem é fruto de mau destino. Não é por acaso que o problema tem aumentado nos últimos tempos. Ele reflete a própria maneira como temos construído essa sociedade.

Ivone Bezerra de Mello, em depoimento nesse Seminário, disse que foi a primeira pessoa a chegar perto daqueles meninos chacinados na Candelária (Rio de Janeiro). Uma dessas crianças, agonizante, cheio de balas pelo corpo, ainda conseguiu abrir os olhos e, vendo a professora, soltou a pergunta: "Por quê?"

Importância de um mundo sem importância

Paulo Bonfatti
Psicólogo Clínico

Se reparamos com atenção uma criança, vamos redescobrir um outro mundo, na maioria das vezes já esquecido. Você já parou para observar a seriedade com que a criança brinca? E de como na brincadeira tudo é vivido intensamente? E a capacidade incansável de ficar horas e horas na terra, com um balde, fazendo "bolinhos", desmanchando-os, refazendo-os e novamente desmanchando-os? E o envolvimento que estabelece com um desenho animado no vídeo ou TV? E os olhinhos quase sem piscar quando lhe contamos alguma história?

Brincadeira de criança é coisa séria! O mundo dos adultos encara o brincar, o fantasiar, o contar e ouvir histórias como algo sem importância, nada sério. Geralmente nos perguntamos: o que poderia ser mais sério do que pagar supermercado ou ver o noticiário que nos traz a "realidade"?

Além de fundamental o afeto, a criança precisa ter um "espaço" para elaborar suas descobertas e dúvidas apreendidas e vividas. E somente com este espaço ela terá condições de caminhar em direção a uma maturidade psicológica.

Sem dúvida alguma, essas "coisas de criança" representam este espaço de primordial importância para o desenvolvimento psíquico. A criança não se envolveria com brincadeiras, fantasias e histórias, se tudo não lhe fizesse ou lhe desse um profundo sentido interno.

Dentre essas "coisas de criança", o contar e o ouvir histórias é uma das

mais peculiares, pois é uma atividade essencialmente relacional, que envolve os pais e a criança numa linguagem que é reconhecida por ela. Além disso, o estabelecimento de relações facilita a diferenciação e a percepção do outro.

Contar histórias pode ser uma das formas de reconhecer e entrar em contato com o mundo da criança, demonstrando uma atitude compreensiva e aberta para a linguagem atemporal que nos une a ela: a linguagem dos símbolos.

Nos contos de fadas, nas histórias ou estórias - todas são psicologicamente verdadeiras por fazerem parte da alma humana - estão os heróis, as tragédias, as lutas, as pistas coletivas e individuais que norteiam a psique no seu processo de maturação.

Quando um adulto conta histórias para uma criança, ele compartilha com ela sua própria alma e reconhece-se junto com ela na eterna aventura de viver. Não se trata de acreditar nos feitos heróicos, nos encantamentos, nas máquinas fantásticas e nos mundos distantes. Pois estes fatos não são verdades objetivas, mas sim verdades internas dotadas de grande humanidade, narradas numa linguagem simbólica.

E com certeza, aprender a reconhecer um mundo interno, infinito e profundo dará à criança, bem como a nós mesmos, muito mais condições de reconhecer, relacionar-se e respeitar o outro e a si mesmo.

(Extraído de "Contato n.º 96")

Não leia fatos e razão ... se preferir ficar por fora !

A revista das famílias comprometidas com a construção de um mundo mais justo, onde todas as famílias possam ser felizes e plenamente humanizadas.

Faça a sua assinatura por telefone: Livraria do MFC
Tel. (031) 222-5842